

A INDUSTRIALIZAÇÃO DE ARARAS, SP: UMA ANÁLISE DAS ETAPAS SUCESSIVAS DE INVESTIMENTOS E DA RELAÇÃO LOCAL/GLOBAL

*Wanda Inês Maria ZAMBARDA**

*Silvia SELINGARDI-SAMPAIO***

Resumo

A análise das etapas sucessivas de industrialização - ou das “rodadas” de investimentos - que caracterizaram a evolução econômica do município de Araras, SP, revelou que os citados processos contaram com a atuação predominante de agentes locais/regionais (empresários, investidores em geral), sendo menos expressiva a participação de agentes externos (empresas nacionais e estrangeiras). Relações locais/globais, entretanto, foram e são estabelecidas, principalmente pelos vínculos comerciais existentes entre a agroindústria e a indústria locais, e os mercados mundiais. A estrutura econômico-espacial atual assemelha-se a um “mosaico”, onde atividades agroindustriais e indústrias estabelecidas em épocas passadas coexistem com outras mais recentes.

Palavras-chave: “Rodadas” de investimentos – Agentes internos e externos – Relações locais/globais.

Abstract

The Industrialization of Araras, S.P.: An Analysis of the “Rounds” of Investments and of the Local/Global Relations

The analysis of the different phases of the industrialization process - or “rounds” of investments - that have taken place in the economic evolution of Araras, SP, has showed that those processes resulted more from the local agents (entrepreneurial initiative, investments of capital owners) than from those external ones. Nevertheless, local/global relations were and are established under the form of commercial links between the agribusiness activities and manufacturing industries and the international markets. The current economic and spatial structure seems to be a “mosaic”, where early agribusiness and manufacturing activities rests together with the new ones.

Key-words: “Rounds” of investments – Endogenous and exogenous agents- Local/global relations.

* Mestre em Geografia-UNESP-Rio Claro, SP

** Profa. Livre-Docente do Curso de Pós Graduação em Geografia-UNESP-Rio Claro, SP.

Proposição

O objetivo central deste trabalho é definir e analisar as etapas sucessivas de industrialização que marcaram a evolução econômica do município de Araras, no Estado de São Paulo.

Especificamente, busca-se explicar as origens e o desenvolvimento da industrialização local, determinando as características de suas diferentes etapas, e rastreando seus principais fatores, agentes e efeitos. De forma mais genérica, procura-se vincular um estudo do fenômeno “indústria” em escala local ao quadro analítico mais amplo que se tem configurado – principalmente na bibliografia geográfica e econômica – sobre os processos de interiorização da indústria no Estado de São Paulo (NEGRI, 1988; FUNDAÇÃO SEADE, 1988); de evolução da região industrial da Anhangüera (SELINGARDI-SAMPAIO, 1987; FIRKOWSKI, 1989; JÓIA e SELINGARDI-SAMPAIO, 1995; MENDES, 1997), e de integração do Brasil à economia globalizada (SINGER, 1982; SELINGARDI-SAMPAIO, 1988; VELLOSO, 1991; BAUMANN, 1996).

O objetivo específico é proceder à análise detalhada de um processo local de industrialização. Assume-se a noção que uma economia local pode ser considerada como o produto histórico da sucessão e combinação de diferentes atividades/produções econômicas (MASSEY, 1984), à cada atividade correspondendo uma determinada estrutura espacial. Assim, diferentes localidades ou lugares (no presente caso, Araras) apresentariam, hoje, um quadro econômico e uma estrutura espacial integrados tanto por elementos atuais quanto por elementos herdados de épocas anteriores, mais ou menos remotas, segundo cada caso. Como se percebe, esta abordagem privilegia as categorias analíticas “lugar” e “tempo”.

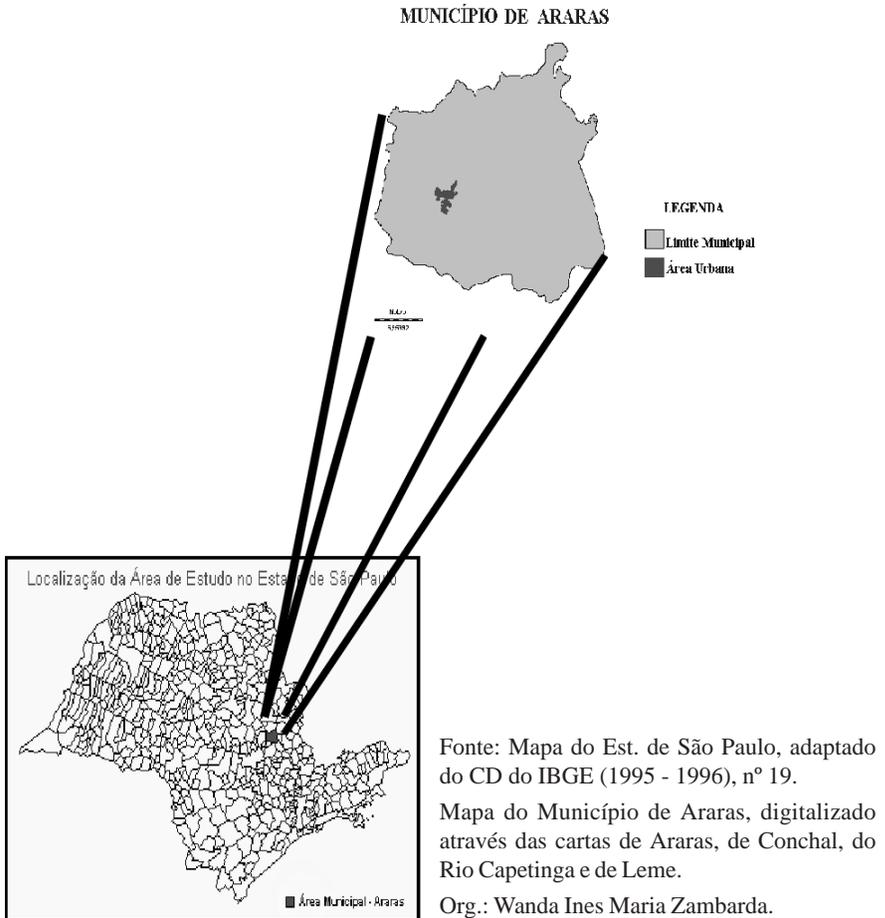
O enfoque adotado, entretanto, não resulta apenas em estudos de economias e estruturas espaciais locais e regionais, em si e por si; ele vai mais além, procurando identificar no “lugar”, ou seja, no nível local e regional, agentes próximos e longínquos, vinculações e relações em escalas nacional e global. Neste contexto, se uma determinada economia local, e sua correspondente estrutura espacial, podem, na atualidade, ser consideradas como o resultado histórico da combinação de atividades econômicas diversas, implantadas, ao longo do tempo, através de sucessivas “rodadas” de investimentos, as citadas atividades também representam, por sua vez, a sucessão de papéis que a economia local tem desempenhado em estruturas espaciais mais amplas, como a nacional e a internacional (MASSEY, 1984, p.118). Isto porque as atividades econômicas (como a indústria, por exemplo), uma vez estabelecidas em um local, geralmente mantêm relações – de dominância e/ou de subordinação – com atividades semelhantes ou complementares, alocadas em outras áreas, e assim se estruturam sistemas de interdependências regionais, nacionais e globais.

Em suma, o que aqui se pretende é identificar, ao longo do processo de industrialização do município de Araras, SP, as etapas sucessivas de investimentos e suas

correspondentes estruturas espaciais, procurando analisá-las não como fenômenos estanques, circunscritos aos seus próprios alcance e existência, mas sim como partes integrantes de totalidades correlatas (o sistema econômico nacional, e o mundial), e a elas vinculadas por relações diversas.

O município de Araras situa-se na porção centro-oriental do Estado de São Paulo (Figura 1), a 171 km a noroeste da metrópole paulistana, integra a Região Administrativa de Campinas, e tem como principais eixos de circulação terrestre a rodovia Anhangüera e os trilhos da atual FERROBAN (antiga Cia Paulista de Estradas de Ferro e ex-FEPASA).

Figura 1 - Localização do Município de Araras – SP



À sua excelente posição geográfica, Araras alia outras condições favoráveis à instalação de indústrias, e ao desenvolvimento, em geral. Com uma área rural relativamente rica – na qual as culturas do café, do algodão, da laranja e da cana-de-açúcar têm, historicamente, alternado sua hegemonia –, apresenta um contingente populacional de 104.205 mil habitantes (dados preliminares do Censo Demográfico de 2000), e sua sede foi considerada, por cinco vezes consecutivas ao longo dos anos 80 e 90, como a cidade mais desenvolvida entre as 500 com melhor qualidade de vida, no Brasil (MATTHIESEN, 1991, p.4).

A infra-estrutura urbana de serviços é excelente para uma cidade média do interior paulista: 100% dos bairros urbanos têm água tratada, rede de esgotos e coleta de lixo domiciliar; a iluminação elétrica e a pavimentação de ruas atingem, respectivamente, 97% e 95% de todo o perímetro urbano. Inúmeros bancos, escolas e faculdade, hospitais, aeroporto e um belo teatro integram, ainda, a rede de serviços existente.

As bases econômicas do desenvolvimento urbano parecem estar assentadas em uma variada produção agropecuária – cana, cítricos, algodão, milho, café, gado leiteiro, suínos - e, principalmente, em um parque industrial em contínua expansão. Esta foi, na realidade, a evidência mais significativa a sinalizar para a importância de uma investigação empírica no município ararense.

Integrado espacial e economicamente à região industrial mais importante do interior paulista, ou seja, aquela estruturada pelo eixo Anhangüera (e, mais recentemente, também pela rodovia dos Bandeirantes), o município de Araras apresentou forte expansão industrial no período de 1940 a 1980, à semelhança de outros localizados na mesma área, como Jundiaí, Campinas, Americana, Piracicaba, Limeira, Sumaré, Valinhos, Paulínia, etc. Quanto ao número de estabelecimentos industriais, o crescimento em Araras foi de 50%, entre 1940 e 1950, e de 71,11%, de 1950 a 1960, declinando, nas décadas de 1960-1970 e de 1970-1980, para 41,55% e 10,09%, respectivamente. Quanto ao número de pessoal ocupado, a expansão industrial é muito mais expressiva: atingiu 97,05% na década 1940/1950 (o mais alto índice, entre os municípios mais industrializados da região da Anhangüera), declinando depois para 76,64%, no período 1950-1960 (ainda o mais elevado índice regional), para 69,65%, entre 1960 e 1970, e chegando a 66,95%, na década 1970/1980 (dados dos Censos Econômicos do IBGE, 1940, 1950, 1960, 1970 e 1980). Em 1997, segundo o Cadastro Industrial da Prefeitura Municipal, havia um total de 501 estabelecimentos (mais de 100% de expansão em relação a 1980), e o número de pessoal ocupado atingia a cifra de 7.397.

Na realidade, o crescimento industrial ocorrido em Araras no período em exame mostrou-se – entre outras feições, que serão devidamente destacadas ao longo deste trabalho – plenamente harmonizado com a dinâmica de expansão industrial que se configurou no Estado de São Paulo, como um todo, e em alguns municípios da região da Anhangüera, em particular. Segundo tais recortes territoriais, a expansão industrial foi intensa:

- no Estado de São Paulo, como um todo. Nele ocorreu, no período de 1940-1950, um alto crescimento relativo quanto ao número de estabelecimentos (75,85%) e ao número de pessoal ocupado (111,37%), declinando tais valores, na década 1950-1960, para 44,92% e para 44,13%, respectivamente. Ressalte-se que a expansão, embora menor que na década anterior, ainda é elevada, e reflete a aceleração da própria industrialização brasileira, então prestes a completar seu ciclo de substituição de importações. Entre 1960 e 1970, o crescimento continuou, sendo de 39,44% para o número de estabelecimentos, e de 55,87% para o pessoal ocupado. Já no período 1970-1980, ocorreu diminuição do número de estabelecimentos, 23,47%, enquanto que o número de pessoal ocupado cresceu 76,64%. Começava a se delinear, assim, uma tendência que iria se consolidar nos anos subseqüentes, qual seja, o aumento do tamanho dos estabelecimentos existentes, ou a concentração técnica da produção.
- no âmbito da região industrial do eixo Anhangüera. Nesta, alguns municípios apresentaram índices de crescimento industrial muito elevados, alguns muito superiores às médias estaduais. Para citar apenas alguns, destaque-se Piracicaba, com 111,17% de expansão quanto ao número de estabelecimentos, no período 1940-1950, ou Americana, com crescimento de 178,215%, segundo a mesma variável, entre 1960 e 1970. Se a variável selecionada for o número de pessoal ocupado, há que se ressaltar o desempenho de Sumaré, com crescimento de 274,72%, entre 1960 e 1970, assim como o de Paulínia, com expansão de 139,25%, no período de 1970 a 1980.

Os elevados índices de expansão industrial em Araras, algumas vezes líderes em um contexto regional igualmente caracterizado por forte crescimento fabril, naturalmente despertaram a atenção das pesquisadoras. Além de se procurar determinar os agentes e fatores de um processo local de industrialização, assim como as etapas sucessivas de investimentos que o caracterizaram e suas respectivas estruturas espaciais, buscou-se, através de um estudo de âmbito local, detectar relações, e os fluxos decorrentes, em escalas regional e global. Neste sentido, algumas questões foram básicas para o desenvolvimento da investigação empírica:

- A industrialização ararense tem raízes exclusivamente endógenas, o que sugeria que, em tempos de economia globalizada, processos autóctones de industrialização ainda são possíveis?
- Ou serão capitais e/ou indústrias transferidas da metrópole paulistana que explicam o desenvolvimento industrial de Araras? Se isto for constatado, estaria o município em exame inserido no “campo aglomerativo” que tem apresentado o maior crescimento industrial no Estado de São Paulo? Ou, em outras palavras, foi Araras atingido pela “onda industrializante” (AZZONI, 1985) que, de São Paulo, se espalhou pelo interior paulista?

-A exemplo do que foi constatado em Sumaré (MENDES e SELINGARDI-SAMPAIO, 1992), teria sido a instalação de filiais de empresas multinacionais o fator detonador da expansão industrial em Araras?

A busca de respostas a todas estas questões norteia a explanação aqui feita.

Teoria e Método

Este trabalho fundamenta-se em dois amplos conjuntos teóricos.

O primeiro deles envolve os conceitos de “lugar”, de mundo, e a relação local/global. Como se sabe, o conceito de “lugar” foi reabilitado, nos anos 80, como um dos principais objetos temáticos da Geografia, passando a ser amplamente repensado e redefinido pelos geógrafos. Aqui, ele é tomado em sua acepção mais abrangente, que considera como “lugar” uma vila, uma cidade e seus arredores, uma região ou um território (HARVEY, 1995, p. 4).

Para este trabalho, as idéias de D. Massey (1984) são essenciais. Analisando a divisão espacial do trabalho, no Reino Unido, a citada autora apontou para a unicidade do local, argumentando que cada país, cada lugar é único e, portanto, diferente. Essas diferenças têm implicações geográficas porque, em cada lugar, a relação capitalista fundamental está desenvolvida, historicamente, sob condições diversas e, assim, cada caso assume formas próprias, específicas.

Ainda segundo Massey (1984, p.117), são raras as vezes em que áreas locais são o resultado de apenas uma forma de estrutura econômica, geralmente elas constituem o produto de longas e diversas histórias. Diferentes atividades econômicas e formas de organização social vieram e se foram, estabeleceram sua dominância e deixaram, nos diferentes lugares, suas marcas. Assim, sob uma ótica econômica, a estrutura de economias locais pode ser analisada como um produto da combinação de “camadas”, da imposição sucessiva, através dos anos, de novas etapas de investimentos, novas formas de atividades, cada qual relacionada, por sua vez, a um contexto mais amplo. Desta forma, estruturas espaciais de diferentes tipos podem ser observadas, historicamente, em um lugar, em uma sucessão temporal em que cada estrutura está sobreposta aos efeitos da estrutura espacial anterior, e com eles combinada. Em cada uma dessas estruturas espaciais, a atividade econômica estabelecida em uma localidade desempenha um papel específico e mantém certas relações de dominância e subordinação com atividades econômicas em outras áreas. Portanto, cada estrutura espacial é um sistema de interdependência no qual se insere a atividade industrial de qualquer localidade.

Se uma economia local pode ser analisada como o produto histórico da combinação de “camadas” sucessivas de atividades, estas, por sua vez, também representam

a sucessão de papéis que a economia local tem desempenhado dentro de estruturas espaciais mais amplas, como a nacional e a internacional.

Cada nova “camada”, ou etapa de investimentos, traz consigo novas bases econômicas de organização social, capacidades estruturais inovadoras e uma nova posição geral dentro da divisão geográfica do trabalho (MASSEY, 1984, p.118). As distribuições espaciais de atividades econômicas resultantes da evolução de novas formas de divisão do trabalho ficarão superpostas e combinadas com padrões produzidos, em períodos anteriores, por formas diferentes de divisão de trabalho. A economia de uma determinada “localidade” seria, assim, o resultado complexo da combinação consecutiva de papéis dentro de uma divisão espacial do trabalho, em nível nacional e internacional.

O “lugar” também é um dos temas preferenciais das reflexões de Santos (1997a ou b). Segundo ele, no mundo atual, “... cada lugar é, ao mesmo tempo, objeto de uma razão global e de uma razão local, convivendo dialéticamente” (SANTOS, 1997a, p.273). Assim como Massey, reconhece que “...cada lugar, irrecusavelmente imerso numa comunhão com o mundo, torna-se exponencialmente diferente dos demais. A uma maior globalidade, corresponde uma maior individualidade” (SANTOS, 1997a, p.252). Em outra obra, o citado autor (1997b, p.58) já o dissera com outras palavras: “Quando trabalho com o mundo utilizo todas as suas variáveis em um momento dado. Mas nenhum lugar pode acolher nem todas nem as mesmas variáveis, nem os mesmos elementos nem as mesmas combinações. Por isso, cada lugar é singular, e uma situação não é semelhante a qualquer outra. Cada lugar combina de maneira particular variáveis que podem, muitas vezes, ser comuns a vários lugares.” Insistindo no tema da diferenciação geográfica, Santos (1997b, p. 105-106) é categórico: “...os grupos humanos não se organizam igualmente, nem igualmente valorizam o espaço de que dispõem. Isso, junto às próprias diferenças estruturais de lugar para lugar, constitui o germe da diferenciação do mundo e de sua repartição em conjuntos regionais, cada qual guardando a sua individualidade e podendo dizer-se que a superfície do Globo é um verdadeiro mosaico de regiões ... os fatos geográficos ...(devem ser estudados)...em escala planetária, certos, porém, de que suas combinações locais serão muito diversas. Certos, também, de que para o entendimento do que se passa em cada lugar é indispensável o entendimento de processos a níveis bem mais amplos, que nos conduzirão à própria mecânica do mundo como um todo. Cada lugar é, hoje, solidário de todos os demais lugares, e é esse encadeamento que fornece a base das explicações”.

A relação local/global também foi assunto para Lipietz (1993), o qual argumentou que a reflexão sobre espaços econômicos tem sido tradicionalmente dividida entre dois momentos de tensão dialética: localidade versus globalidade, ou personalidade regional versus divisão interregional (internacional) do trabalho. Esta dualidade já estaria implícita em teorias que abordavam o binômio centro-periferia (teoria da centralidade dos lugares, teoria dos estágios de desenvolvimento, teoria da dependência) e se man-

tém presente nas novas “ortodoxias” da “nova divisão internacional do trabalho” e do “desenvolvimento endógeno do sistema produtivo localizado”. Na realidade, elas estão simplesmente focalizando uma face e outra, a da localidade e a da globalidade, e envolvem visões particulares da evolução mundial do sistema capitalista.

Em síntese, o que de fundamental assoma dos preceitos teóricos explicitados é a importância de se considerar o “lugar”, ou o nível local/regional, como um palco onde atuam tanto agentes endógenos quanto exógenos, onde interesses internos e externos entram em confronto, onde fluxos das mais variadas naturezas e intensidades estabelecem ligações com o mundo.

Acolhendo idéias de Thrift (1993, p.68), poderia se afirmar que a Geografia Econômica e a Geografia Industrial tornaram-se, na atualidade, muito mais globalmente locais do que localmente globais.

O segundo “corpo de teoria” que embasa este trabalho refere-se à integração do Brasil ao sistema industrial mundial, sob a forma de N.I.C. (New Industrialized Country), e à desconcentração industrial ocorrida no Estado de São Paulo, processos intimamente relacionados entre si, dada a importância do Estado paulista no conjunto industrial brasileiro.

Após 1950, “a progressiva internacionalização do capital provocou o surgimento de um sistema mundial de produção industrial, caracterizado espacialmente pela distribuição irregular e descontínua de seus elementos. Como processos correlatos ocorreram a reorganização das áreas industriais e o estabelecimento de uma nova divisão internacional do trabalho” (SELINGARDI-SAMPAIO, 1987, p.1).

O Brasil integrou-se à nova ordem econômica mundial como um dos países da periferia capitalista mais aptos para receber capital exógeno. País com um grande potencial em recursos naturais e com um elevado contingente populacional, que representava mão-de-obra barata, conseguiu, com incentivos governamentais e com investimentos de capitais internos e externos, desencadear dois grandes surtos industriais, ocorridos entre 1955-1961 e 1968-1974.

O crescimento industrial, ativado principalmente pela implantação de filiais de empresas multinacionais e por sucessivos “pacotes” estatais de estímulos fiscais e creditícios, teve atuação decisiva na inserção da economia brasileira ao sistema capitalista, agora globalizado. Em oposição aos países do “centro” do sistema capitalista, o Brasil assumia sua condição de N.I.C., ao lado de México, dos “Tigres asiáticos”, etc., “... tendo como características essenciais de seu processo de industrialização forte penetração de capitais internacionais, e alto grau de dependência financeira, tecnológica e administrativa do exterior” (SELINGARDI-SAMPAIO, 1988, p.5-6).

No Brasil, a industrialização acentuou-se rapidamente nas áreas que apresentavam um conjunto de fatores favoráveis tanto para a atividade industrial, como para o escoamento da produção. Entre elas, o Estado de São Paulo assumiu a liderança. Como

se encontrava em grau mais adiantado de desenvolvimento capitalista, desde o início do século, tornou-se um foco de atração locacional para as indústrias que se implantavam. Acentuou-se, assim, um processo de concentração industrial em algumas áreas do Estado paulista e, em particular, na metrópole paulistana. Nesta, sua força centralizadora, que inicialmente favoreceu o crescimento urbano, acabou gerando, com o desordenado e intenso desenvolvimento industrial, uma diversidade de problemas decorrentes da saturação do espaço metropolitano: deseconomias de aglomeração para as empresas; escassez de espaços urbanos que, por sua vez, provoca a especulação imobiliária; problemas ambientais, provocados pela poluição atmosférica, sonora, do solo e da rede hidrográfica, etc.

Tem início, então, um processo de desconcentração industrial, que tanto se fez através da instalação de novas unidades produtivas de empresas nacionais e internacionais no interior paulista, ou mesmo em outros Estados, quanto através da transferência de fábricas, antes localizadas na metrópole, preferencialmente para as mesmas áreas citadas. Alguns municípios do interior se destacaram na recepção dos investimentos que se descentalizavam e/ou das indústrias que se desconcentravam, especificamente aqueles localizados ao longo da rodovia Dutra, que liga o Estado de São Paulo ao Estado do Rio de Janeiro – São José dos Campos, Taubaté, Jacareí -, e ao longo da rodovia Anhangüera, num trecho de aproximadamente 200 km ao norte da metrópole paulistana, em direção ao interior paulista (Jundiaí, Campinas, Americana, Sumaré, Limeira, Rio Claro, etc).

Pode se invocar, aqui, o conceito de “campo aglomerativo” para explicar porque algumas áreas interioranas se industrializaram mais que outras. Segundo Azzoni (1985), a atração que cada cidade pode exercer para a atração de indústrias depende de vários fatores, inclusive de seu número de habitantes mas, mais importante que o poder atração urbana, seria o poder de atração regional, isto é, uma região, em função de seu contingente populacional, de sua base industrial, de suas infra-estruturas de transporte e comunicações, de sua proximidade a centros urbanos regionais e/ou nacionais, pode transformar-se em um campo aglomerativo, que emana forças aglomerativas e atrai novas indústrias.

O Estado se constituiu em agente de grande importância na citada desconcentração. De um lado, pelos efeitos de estímulo e de encadeamento técnico gerados pela instalação de refinarias de petróleo da PETROBRÁS, em Paulínia e em São José dos Campos. De outro, pela estabilidade do principal pólo petroquímico do país (Cubatão), com a presença da PETROBRÁS e, também, pela expansão da COSIPA, no setor siderúrgico (NEGRI, 1988, p.30).

Também como conseqüência da política econômica do Governo Federal, foi instituído o PROÁLCOOL, em meados dos anos 70, produzindo grande efeito de junção com a indústria de bens de capital, que se expandiu muito, junto a maior concentração alcooleira do Estado de São Paulo (regiões de Ribeirão Preto e Campinas).

A desconcentração trouxe ainda a implantação dos ramos da informática, microeletrônica e telecomunicações na região de Campinas, e do complexo aeronáutico para fins civis e militares, e de indústrias de material bélico, no Vale do Paraíba.

Alterou-se, assim, a estrutura da indústria do interior do Estado. Até 1970, ela tinha um caráter complementar à da metrópole, sendo que os setores que mais se expandiram foram os das indústrias alimentícias e têxteis, ou seja, de bens não-duráveis. Com todas as transformações ocorridas, foi ultrapassado o nível de complementaridade, e setores industriais novos surgiram, uma vez que o desenvolvimento da agricultura exigia modernização em segmentos agroindustriais e no setor de bens de produção, necessários àquela expansão.

Cabe ainda frisar que outros fatores tiveram influência no processo de desconcentração: o esvaziamento populacional do campo; a modernização e a expansão da agricultura paulista, provocando fortes impactos sobre a agroindústria e sobre as indústrias fornecedoras de insumos e bens de capital para esse setor; o fortalecimento da organização sindical industrial, inserida no âmago dos ramos industriais mais dinâmicos da metrópole, o que levou as empresas a se mudarem para o interior; e, finalmente, as restrições de ordem ambiental, que influenciaram, ou até mesmo obrigaram, algumas empresas a se transferirem para o interior (NEGRI, 1988, p.31-32).

Todos esses fatores, mais a ocorrência de políticas municipais que procuravam atrair indústrias oferecendo incentivos, isenções e construção de distritos industriais, fizeram com que, em 1985, a participação no valor adicionado da indústria de transformação se distribuisse de uma maneira mais homogênea entre a Região Metropolitana (52,8%), e o interior do Estado (47,2%).

Fundamental para a explicação dos processos de interiorização e desconcentração industriais é o conceito de modernização do setor agropecuário (MÜLLER, 1981; 1988; TARTAGLIA e OLIVEIRA, 1988). Segundo estes autores, entre 1960 e 1986, houve modernização da agricultura, com diferentes intensidades, em todas as regiões do país, materializada em modificações ocorridas em sua base técnica: aumento do uso de força mecânica, maior aplicação de insumos químicos, aproveitamento de insumos biológicos, principalmente de novas variedades de plantas e raças de animais. A agricultura passou a ser dominada, em seus dois extremos, por setores industriais de corte oligopólico, ou seja, a indústria dirigida para a agricultura, a qual é fornecedora de bens de produção e insumos, e a indústria da agricultura, que é fornecedora de matérias-primas agrícolas. Desta forma, a agricultura passou a depender mais dos meios de produção e insumos gerados pela indústria especializada, e menos dos recursos naturais (TARTAGLIA e OLIVEIRA, 1988, p.63).

Com o respaldo do Estado, ocorreu o avanço do processo de proletarização no meio rural, e os sistemas de comercialização, crédito e cooperativas também se generalizaram e modernizaram.

O comércio de novos produtos e o incentivo fiscal alteraram a estrutura do setor agrícola brasileiro, o qual sempre manteve sua importância histórica no que concerne às exportações. Como provedora de divisas, a agricultura brasileira destacou seus vínculos com o comércio internacional através de integração das relações interindustriais da agroindústria e, também, da execução de medidas que aumentassem a competitividade e a lucratividade dos produtos nacionais. Isso beneficiou muito a agricultura e a agroindústria paulistas, porque nelas se concentrava a maior parte da produção de bens para exportação, como açúcar, laranja, alimentos, óleo, etc, além da produção de álcool que, com o apoio do PROÁLCOOL, depois de 1979, consolidou-se como fonte importante de avanço da agricultura paulista (TARTAGLIA e OLIVEIRA, 1988, p. 66).

O padrão de desenvolvimento de grande parte do interior paulista foi assim definido pela industrialização caracterizada por ramos e setores modernos, “dinâmicos”, e por sua integração com setores agrícolas também modernizados, fazendo surgir os CAIs (Complexos Agroindustriais).

Geralmente, o que se observa nas regiões onde predominavam estruturas agrárias é o enfraquecimento das mesmas, à medida que ocorre o crescimento industrial ou, então, o estabelecimento de ligações funcionais entre a agricultura e a indústria, fenômeno muito freqüente em cidades interioranas do Estado de São Paulo – como muitas das que integram a região administrativa de Campinas -, onde a formação de CAIs é conseqüência da expansão industrial. Segundo Müller (1981), entende-se por Complexo Agroindustrial... “o conjunto de processos técnico-econômicos e sociais que envolvem a produção agrícola, o beneficiamento e sua transformação, a produção de bens industriais para a agricultura e os serviços financeiros e comerciais correspondentes” (1981, p.106)

Neste amplo cenário, o município de Araras não constituiu exceção. Sua economia sempre contou com o respaldo da agricultura e, como conseqüência, a indústria manteve uma forte relação com esse setor, tanto através de estabelecimentos voltados ao beneficiamento da produção agrícola, quanto da produção de maquinários destinados ao citado setor. A industrialização acelerada das últimas décadas, aliada à sua posição geográfica, insere plenamente Araras na dinâmica da desconcentração/interiorização da indústria paulista, e no padrão de desenvolvimento das áreas mais avançadas do interior.

Com tal fundamentação teórica, acredita-se que estudar o processo de industrialização ararense é procurar definir, para o “lugar” Araras, as especificidades eventualmente existentes em sua evolução econômica, ao longo de sucessivas “etapas” de investimentos. É tentar detectar, no conjunto industrial e na estrutura espacial vigentes, os elementos e agentes atuais e aqueles antigos, herdados de etapas anteriores de desenvolvimento econômico. É, ainda, buscar identificar as relações, ou fluxos, que eventualmente vinculem o “lugar” Araras aos âmbitos nacional e global.

A metodologia utilizada para definir as indústrias a serem pesquisadas descartou uma amostragem exclusivamente aleatória, uma vez que a mesma fugiria aos objetivos do trabalho. Na amostragem aleatória, havia o risco de que fossem selecionados para pesquisa muitos estabelecimentos pequenos, e/ou muitos referentes a uma só década – da década de 80, por exemplo, que tem o maior número de estabelecimentos implantados -, perdendo-se, dessa forma, o referencial de fábricas mais importantes e de seus respectivos investimentos.

Assim, optou-se por uma amostragem mista, com escolha induzida e seleção aleatória. Com o universo da pesquisa definido em 501 indivíduos, decidiu-se, inicialmente, que seriam investigadas as duas indústrias mais antigas, de 1895 e de 1921; das surgidas na década de 40 a 49, seriam pesquisadas todas (duas indústrias), assim como daquelas da década de 50 a 59 (8 indústrias). Das décadas de 60 a 69 e de 70 a 79, foram sorteados 20 estabelecimentos e, da década de 80 a 89, 15 fábricas, ou seja, 10% do total surgido nos citados períodos. Finalmente, das indústrias implantadas a partir de 1990, também foram selecionados 10% (20 estabelecimentos), chegando-se, assim, a uma amostra composta por 67 indústrias. A elas aplicou-se um formulário com cerca de 80 questões abertas e fechadas, as quais versavam sobre aspectos factuais, quantitativos e qualitativos, sempre de acordo com as noções teóricas adotadas. Apesar de algumas indústrias negarem-se a responder, ao final foram obtidos 48 formulários respondidos, em uma amostra que pode ser considerada muito significativa já que, em um universo de 501 estabelecimentos com 7397 pessoas ocupadas, conseguiu-se informações sobre 48 unidades fabris que, juntas, empregavam 6398 pessoas.

O presente trabalho está estruturado em cinco partes. Nas duas primeiras, são lançadas as bases teóricas e metodológicas, e definidos os propósitos e o objeto de estudo. A parte 3 aborda o desenrolar da evolução agrícola e agroindustrial do município de Araras, através da análise de sucessivas etapas de investimentos. A parte 4 examina a industrialização ararense, desde suas etapas iniciais, em fins do século XIX, até os anos 30 do século XX, e as “rodadas” de investimentos que se seguiram, dos anos 40 até a atualidade. Na parte 5, procura-se sintetizar as principais “descobertas” possibilitadas pela investigação realizada e chegar-se às conclusões pertinentes.

O “Lugar” Araras, e sua Evolução Agrícola e Agroindustrial

Embora o objetivo central deste trabalho seja, conforme já se esclareceu anteriormente, a análise das etapas sucessivas de industrialização que caracterizaram a evolução econômica do município de Araras, julgou-se indispensável um breve exame da sucessão de atividades agrícolas ocorridas no citado lugar, já que foram elas que propi-

ciaram o aparecimento de atividades industriais vinculadas (agroindústrias), além de constituir elementos herdados, de diferentes épocas, na estrutura espacial hoje existente.

O primeiro núcleo de habitações surgiu por volta de 1862, em território que pertencia, àquela época, ao município de Limeira (SP). Em 1877, chegaram os trilhos da então Companhia Paulista de Estradas de Ferros e, em 1879, a vila de Araras foi elevada à categoria de cidade.

Nas últimas décadas do século XIX, já havia no município em questão algumas iniciativas industriais, mas era a riqueza gerada nas áreas rurais, através da cafeicultura, que sustentava e impelia o desenvolvimento urbano.

O café.

Devido, em parte, à fertilidade dos solos e à salubridade do clima, o município de Araras viveu o apogeu da cafeicultura com intensidade, dando início, assim, a uma das etapas, ou “rodadas” de investimentos no município, segundo a abordagem teórica de Massey (1984).

Cabe aqui ressaltar, porém, que a delimitação inicial das propriedades rurais do município de Araras ocorreu graças ao cultivo anterior da cana-de-açúcar, haja vista que foi essa cultura a principal fonte de renda dos primeiros estabelecimentos agrícolas (DINIZ, 1968). Embora não tivesse tido, em São Paulo, a mesma importância que teve no Nordeste e Rio de Janeiro, a cultura canavieira legou um benefício à economia cafeeira, proporcionando infra-estrutura com estradas e portos, necessária à sua expansão, e propiciando uma base relativamente organizada de comercialização (QUEDA, 1972, p.76, *apud* FERREIRA, 1983).

O cultivo da cana-de-açúcar no Estado de São Paulo, da segunda década do século XIX até 1850, era voltado para a produção de açúcar e aguardente. Era uma cultura bastante expressiva na região de Piracicaba e Limeira, destacando-se na paisagem, sem que, contudo, pudesse competir com a produção nordestina, que dominava os mercados. Por volta de 1818, em áreas próximas a Limeira, e que posteriormente pertenceriam ao atual município de Araras, havia sesmarias que também tinham suas terras ocupadas com as culturas de cana-de-açúcar e de cereais (DINIZ, 1968).

A partir daí, vai a cana gradativamente cedendo espaço ao café e, em meados e fins do século XIX, praticamente todo o interior do Estado de São Paulo investia, maciçamente, na cafeicultura, sendo a economia do país sustentada pela exportação do café.

A cafeicultura teve um papel de destaque na ampliação do mercado interno paulista, uma vez que parte de seus lucros foi direcionada para a indústria, muitas vezes passando antes pelo setor de serviços. No período de apogeu da cafeicultura, os gran-

des fazendeiros deram sua contribuição para o desenvolvimento econômico, construindo ferrovias – Paulista, Mogiana, etc - para escoar sua produção, promovendo a imigração européia para as fazendas, implantando estabelecimentos bancários. Esta fase de prosperidade cafeeira também ocorreu no município de Araras e, com o aumento da produção, registrou-se a chegada de imigrantes europeus, que vieram, maciçamente, em busca de trabalho, fazendo dobrar a população do município entre 1890 e 1900 (CALDEIRA, 1929, p.68).

As diversas crises que a cafeicultura brasileira atravessou na primeira metade do século XX – como a primeira Guerra Mundial, a geadas de 1918, a crise de 1929, etc. - fizeram com que a produção fosse gradativamente diminuindo, e outras atividades mais lucrativas buscadas. Araras, como os demais municípios cafeicultores, sofreu as conseqüências dessas crises, além da natural diminuição da fertilidade das terras, ocorrendo, assim, o declínio da cafeicultura em nível regional.

A respeito desses acontecimentos, Caldeira (1929, p.82) afirmou que o município de Araras atravessava, já em 1908, um período de franca decadência. Sua zona rural era constituída, até então, quase que exclusivamente por grandes latifúndios, nos quais a lavoura cafeeira era a única fonte de riqueza. A depreciação do café, a conseqüente diminuição do salário dos trabalhadores rurais, o êxodo destes, em elevado número, todos os anos, para novas zonas, foram as causas da crise que assolou o município, neste período. Progressivamente, com a instalação de indústrias na cidade, o retalhamento das propriedades agrícolas, e a introdução de novas culturas (policultura), principalmente a da mandioca, o desenvolvimento econômico local receberia novos impulsos.

Diniz (1968, p.49) ressalta o fato de que em Araras, não obstante a crise de 1929, a produção de café não diminuiu, de repente, como ocorreu em todo o Estado: ela passou de 172.000 arrobas em 1929, para 320.000 em 1930, atingindo o apogeu em 1932, com 349.707 arrobas. É a partir desta data que a produção cafeeira começa a sofrer uma sensível diminuição, e a economia do município toma outro rumo.

A crise e a decadência da cafeicultura tiveram graves conseqüências sociais, como êxodo rural intenso, emigração de trabalhadores para outros municípios e diminuição da população ararense, a qual passou de 25.613 habitantes, em 1920, para 25.000 em 1931, 24.234 habitantes, em 1936, e para 22.614, em 1940. Contudo, a partir de 1940, ocorre uma recuperação do crescimento populacional, decorrente da expansão da cultura canavieira e, em 1950, Araras contava com 28.599 habitantes (CALDEIRA, 1929; DINIZ, 1968).

O desinteresse pela cafeicultura, somado à “broca”, praga que havia infestado os cafezais, fez com que o número de cafeicultores diminuísse, existindo apenas 65, em 1932. Em 1935, do valor total da produção agrícola, o café representava apenas $\frac{1}{4}$ e, só neste ano, foram erradicados 521.070 pés (DINIZ, 1968). O mesmo autor assim sintetizou esta situação: “Como conseqüência da falência da cafeicultura, continuou o pro-

cesso de desagregação das fazendas, agora em novas circunstâncias. Nem toda fragmentação dava origem a bairros rurais formados de pequenos sítios. Antigos colonos, que passaram a proprietários nos primeiros loteamentos, haviam enriquecido com a policultura que tinham iniciado e transformavam-se em fazendeiros. Assim, muitas antigas fazendas de café transformavam-se em pequenas fazendas ou simplesmente eram vendidas a antigos colonos. O processo de mudança social foi intenso e poucas fazendas não mudaram de proprietário passando, principalmente, para mãos de estrangeiros”... (DINIZ, 1968, p.50).

Esgotava-se, assim, o papel da cafeicultura como fonte básica da reprodução capitalista ou, em outras palavras, uma “rodada” de investimentos chegava ao seu final. Seus efeitos econômico-espaciais, entretanto, refletiam-se, agora, tanto no surgimento de iniciativas industriais, quanto na expansão de atividades urbanas.

Segundo relatos de CALDEIRA (1929), neste mesmo ano, quatorze fazendas do município de Araras possuíam máquinas de beneficiamento de café, assim como, em muitas delas, havia máquinas para beneficiar arroz, moinhos de fubá, engenhos de cana, e fabricação de farinha de mandioca, além de possuírem, muitas delas, suas próprias serrarias para construções e reparos. Na área urbana, atividades industriais e artesanais haviam se instalado, procurando atender à demanda da população por bens de consumo direto: carpintarias e marcenarias, fábricas de calçados, de cerveja, de gelo, de ladrilhos, fundições de ferro, fecularias, tipografias, padarias e confeitarias, etc.

A aglomeração populacional também propiciava o aparecimento e a expansão de atividades ligadas ao comércio e aos serviços, como armazéns de secos e molhados (61 unidades), lojas de tecidos (17), açougues (19), bancos (2), etc.

De acordo com os preceitos teóricos anteriormente expostos, pode-se afirmar que, com o declínio da cafeicultura, encerrava-se uma “rodada” de investimentos (das mais significativas, por sinal) no “lugar” Araras. Rodada caracterizada, em sua ascensão e apogeu, por uma estrutura espacial dominada por grandes latifúndios monocultores, e com uma paisagem urbano-industrial ainda incipiente. Etapa deflagrada por agentes locais, proprietários de terras ávidos por grandes lucros. O estímulo, entretanto, era externo, era o mercado mundial em situação de forte demanda por um produto tropical de “sobremesa”. É possível reconhecer-se, aqui, um primeiro fluxo, uma primeira relação local/global. A cafeicultura, instalada no município de Araras, na realidade o vincula, através da exportação, ao mercado mundial; é este que, com suas oscilações - ocorridas em função de crises periódicas de superprodução ou escassez, do surgimento de novos produtores e/ou de mudança nos hábitos alimentares – vai ditar o ritmo da prosperidade local. Assim, é principalmente em função da ação de agentes externos que em Araras vão se alternando sucessivas “rodadas” de investimentos, em novos produtos.

A policultura dos anos 30.

Da policultura, a mandioca surgia como a cultura mais importante. O que estimulou sua produção, em Araras, principalmente depois de 1932, foi a limitação da importação de trigo no país, sendo a farinha de mandioca misturada à farinha de trigo para a produção de pão. O número de fábricas de produtos de mandioca teve um crescimento contínuo, haja vista que, em 1910, o número destes estabelecimentos era 17, passando, em 1933, para 82 unidades. Araras chegou a ser o terceiro produtor de farinha de mandioca do Estado de São Paulo, e o primeiro na produção de polvilho (CALDEIRA, 1929; DINIZ, 1968). Em 1940, segundo dados extraídos do Censo Agropecuário, sua produção de mandioca e aipim era de 17.328 toneladas, e 31 estabelecimentos processavam 2.213 toneladas de farinha de mandioca. Em 1956, Araras contava, entre amidonarias e fábricas de farinha de raspa e de mesa, com um total de 34 unidades.

Na fase de policultura da década de 30, o município destacou-se, também, através da citricultura, que tem algumas vantagens sobre a cafeicultura. Esta, necessitando de terras adequadas, provocava a derrubada de grandes áreas florestais; era preciso afastar-se dos centros civilizados, abdicar do conforto e estar frequentemente à mercê de marginais. A cultura da laranja dispensa tudo isto, adapta-se em qualquer solo, desde que este seja profundo e permeável; foge das matas e instala-se perto dos centros urbanos, aproveitando as antigas benfeitorias de fazendas de café. Com isso, chegou também a vez das “terras de segunda”, de pior qualidade (CALDEIRA, p.104).

Ainda beneficiada pela derrocada do café, em 1929, a produção de laranja em Araras assumia, em 1937, o 7º lugar entre os produtores paulistas. Era, entretanto, comercializada *in natura*, e só muito mais tarde iria gerar indústrias de suco.

Entre as três culturas que tiveram destaque durante a década de 30, inclui-se ainda o algodão, conforme atesta o relato de Diniz (1968, p.53): “Outra cultura a se desenvolver muito era a do algodão. Este cultivo, importante na área no início da segunda metade do século XIX, quase desaparecera e só depois de 1930 voltou a ter importância, depois da crise do café, fator de abalo a toda estrutura agrária (...) Em parte, este aumento de produção decorreu da industrialização do algodão e das medidas protecionistas do governo americano, a fim de proteger sua produção, facilitando a entrada do algodão paulista no mercado internacional. Em Araras essa situação repercutiu sensivelmente e a produção passa de 38.667 arrobas, em 1920, para 100.000 arrobas em 1935. Daí por diante a produção aumentou para 390.400 arrobas em 1938 e 423.000 em 1940, quando alcança o máximo da produção. A partir deste ano a produção começa a decair e passa a efêmera fase algodoeira do município”.

A ascensão da cana-de-açúcar e as usinas.

Além do trio agrícola então mais importante, a cultura de cana-de-açúcar continuava a existir, embora em posição secundária, destinando-se à produção de aguarden-

te, em engenhos e alambiques antigos. Esta, entretanto, crescia: foram produzidos 32.400 litros em 1932, 47.000 litros em 1936, e 52.000 litros, em 1938. Sobre esta fase, assim se expressou Diniz (1968, p. 55-56): “Em fins da década de trinta o município de Araras é novamente abalado por transformação de grande intensidade nos produtos cultivados. A cana-de-açúcar, que havia sido relegada a plano secundário durante toda a época áurea do café e da policultura, agora voltava a se expandir. Evidentemente, a mudança brusca em elemento fundamental da combinação agrícola provocaria alterações radicais em todos os outros elementos. Assim é que a paisagem se alterou, transformaram-se a estrutura agrária e os sistemas de comercialização, adequando-se ao novo produto.”

Assim, é a partir de 1940 que Araras passou a ter maior expansão econômica com a revitalização da cultura da cana-de-açúcar, a qual chegou, em 1950, a uma área ocupada de 3.420 hectares e, em 1960, a 15.000 hectares. O aumento da área cultivada levou à expansão da produção e, de 10.000 toneladas em 1940, passou-se para 162.902 toneladas em 1950, e para 910.000 toneladas, em 1960 (DINIZ, 1968).

O desenvolvimento da cultura canavieira em Araras refletiu a própria expansão da cana-de-açúcar no Estado de São Paulo, em geral, e na Depressão Periférica, em particular, após a crise da cafeicultura. Situado nesta Depressão, o setor canavieiro de Araras integra a área canavieira e sucroalcooleira de Piracicaba, que abarca vários municípios fornecedores e usineiros, sendo dela considerada uma área de expansão natural, pela proximidade geográfica e, também, pelo solo favorável.

Nos anos 30 e 40, importantes mudanças estruturais ocorreram na produção de açúcar e de álcool, no país. Após a criação do Instituto do Açúcar e do Alcool-IAA, em 1933, definiram-se condições para que o Estado de São Paulo se tornasse o maior produtor nacional dos citados produtos, posição até então ocupada, tradicionalmente, por Estados do Nordeste. Engenhos obsoletos foram substituídos por modernas usinas, e a produção aumentou muito, impulsionada, principalmente, por grande expansão do consumo interno de açúcar, em especial no Centro-Sul do país e, já nos anos 50, pela sua crescente exportação para mercados mundiais.

É neste contexto histórico que o setor canavieiro de Araras irá se integrar plenamente com a indústria. Em Araras, são implantadas três usinas: a usina São João e a usina Santa Lúcia, por empresários transferidos de Piracicaba, e a usina Palmeira, instalada por iniciativa da cooperativa local de produtores de cana. Outras cinco são implantadas em outros municípios: a usina São Jerônimo, em Cordeirópolis; a Tabajara, em Limeira; a usina Santa Terezinha, em Mogi-Guaçu; a São Luiz, em Pirassununga, e a usina Santana, em Rio Claro. A última usina, Cresciúma, em Leme, seria implantada na década seguinte, totalizando as nove usinas que este setor apresentou até os anos 70 (FERREIRA, 1983).

Assim, nos anos 40 e 50, a cana-de-açúcar transformou a paisagem, propiciando o surgimento de modernas usinas, com seus grandes edifícios anexos, inerentes à

atividade industrial, fornecendo trabalho a um grande número de assalariados. Da mesma forma, a estrutura agrária era modificada, havendo grande aumento na dimensão dos estabelecimentos agrícolas, e forte expansão do número de trabalhadores diaristas. Explorações com mais de 2.000 hectares passaram a ocupar quase 40% da área plantada com cana, fazendo diminuir a proporção dos estabelecimentos de 100 a 500 hectares. A cultura canavieira restaurou, assim, o domínio das grandes explorações agrícolas em Araras (DINIZ, 1968), e as antigas fazendas cafeeiras puderam escapar da crise pela qual passavam, dedicando-se integralmente à nova cultura, de grande demanda no mercado, a qual contava com proteção governamental e com a compra garantida pelo sistema de cotas, o que a diferia das demais culturas.

As usinas de cana-de-açúcar constituem, na estrutura espacial hoje existente, “testemunhos” de uma “rodada” de investimentos anteriormente ocorrida. Verdadeiras heranças de um passado que se estende até o presente, embora com algumas novas condições funcionais: o campo não é mais o “habitat” do trabalhador rural, é apenas o seu local de trabalho. As antigas “colônias” abrigam hoje, na realidade, poucos funcionários das usinas; para o corte e a colheita da cana, um grande contingente de trabalhadores volantes, os “bóia-frias”, desloca-se diariamente, da periferia da cidade, ou mesmo de outros municípios, para as áreas canavieiras, tentando, na entressafra, obter trabalho em outras atividades rurais, como a colheita da laranja. Esses trabalhadores são oriundos, em sua maioria, das regiões mais pobres de Minas Gerais e do Nordeste do país. Sem condições de habitação nas áreas rurais, acabam aglomerando-se na periferia urbana, gerando bairros muito pobres.

Pode-se afirmar, assim, que a evolução da economia agrícola e agroindustrial de Araras passou por diferentes etapas de investimentos. A primeira, da 2ª década do século XIX até 1850, baseou-se na cultura da cana-de-açúcar, a qual iria influenciar a estrutura agrária do posterior período cafeeiro. A segunda etapa de investimentos, de 1850 em diante, foi representada pela cafeeicultura que, assim como na maioria dos municípios onde se instalou, trouxe grandes mudanças espaciais, econômicas e sociais, como afirma Diniz (1968, p.59): “Estruturalmente, foi esse segundo período que moldou as características fundiárias e de exploração do município, pois deu origem aos bairros rurais, à mão de obra assalariada e introduziu os imigrantes, que acabariam por adquirir a maior parte das propriedades”. Este período perdurou até 1930, quando a crise econômica mundial, deflagrada pela queda da Bolsa de Nova York, em 1929, atingiu todos os setores econômicos, sociais e, inclusive, a organização espacial.

De 1920 a 1930, inicia-se a policultura no município, a qual dará origem à terceira etapa de investimentos, que se consolidará na década de 1930 a 1940. Neste período, predominaram os cultivos de mandioca, algodão, laranja e cereais, que colocaram o município de Araras na posição de grande centro agrícola do Estado.

Por volta de 1940, inicia-se outra etapa de investimentos, a qual perdura até a atualidade. Mais uma vez a paisagem é modificada, surgem os grandes canaviais, usi-

nas e centros residenciais são construídos, o município é cortado por grandes estradas. Criam-se grandes explorações capitalistas, e Araras transforma-se em um município de agricultura altamente desenvolvida (DINIZ, 1968).

Na atualidade, além da cana, ainda têm expressão econômica as culturas de milho, algodão, café e mandioca, além da citricultura, que se expandiu bastante após 1960, dando origem às indústrias de sucos cítricos.

Até aqui, a análise tem mostrado que as “rodadas” de investimentos ocorridas durante a evolução econômica do município de Araras têm agentes principalmente locais e regionais, assim como são mais implantadas (ou detonadas) e mantidas, por estímulos ou forças externas ao lugar, nacionais e internacionais.

A cana, implantada já no início do século XIX (DINIZ, 1968), era inicialmente destinada à produção de açúcar e aguardente para consumo interno. Não era ainda a grande lavoura comercial, e os capitais investidos, ainda mínimos, também tinham origens locais. O quadro permaneceria assim por mais de um século, até a “febre” canavieira e açucareira que assolou o Brasil – e especialmente o território paulista – no período entre-guerras (1920 a 1940), e ainda nos anos 40 e 50. É neste último período que, conforme foi demonstrado, a cultura da cana-de-açúcar se difunde com intensidade em Araras e faz surgir estabelecimentos industriais (usinas) de grande porte, para processá-la. Os investimentos são locais ou regionais (extensão do C.A.I. de Piracicaba), mas os estímulos são externos à região, como a extraordinária expansão do mercado interno brasileiro, ou a crescente exportação para mercados internacionais em forte demanda, após a Segunda Guerra Mundial.

Fluxos semelhantes, ligando a atividade produtiva de Araras ao mercado mundial, também foram estabelecidos pela cultura cafeeira, conforme já se destacou anteriormente. Os capitais, mais vultosos em seu início do que os investidos na cana, também tinham origens locais e regionais, mas os estímulos (e os fluxos conseqüentes) eram, comparados com a cana, muito mais globais, do que advindos da fraca demanda nacional.

Com a laranja, repete-se a mesma composição de agentes e forças atuantes: iniciativa e investimentos locais ou regionais, estímulos e fluxos conduzidos pela demanda do mercado internacional.

Todas estas constatações vêm configurar a tese das interações locais/globais, ou seja, mesmo em fins do século XIX (café), assim como em meados do século XX (cana, laranja), etapas, ou “rodadas” de investimentos, detonadas e instaladas em nível local, em um “lugar” específico, vinculam-se, em grande parte, a estímulos, agentes e interesses externos, longínquos; o lugar transforma-se no palco, na arena do embate de interesses diversos, muitas vezes conflitantes.

Esta relação local/global já havia sido detectada por Selingardi-Sampaio (1973, p.44) – ainda que com outra terminologia e embasamento teórico diverso -, quando

analisou a produção de cana e a de açúcar como base do processo de industrialização em Piracicaba, SP: “Muito importante para a economia brasileira, tanto no período colonial como após a independência e até os nossos dias, o açúcar sempre foi um típico produto de exportação, diretamente afetado pelos períodos de crise ou prosperidade mundiais, pelos conflitos internacionais e pelas guerras. Produto de luxo ou de “sobremesa”, não incluído entre os gêneros de primeira necessidade, seu comércio é sempre dos primeiros a espelhar os altos e baixos da economia mundial. Como numa reação em cadeia, é evidente que os movimentos deste mecanismo irão se refletir em todo o dispositivo mundial da produção de açúcar e, por extensão, nas áreas canavieiras. No Brasil, o ponto último de repercussão desse mecanismo será o município...”

... Ou o “lugar”, segundo a conceituação aqui adotada.

Outra reflexão pertinente, e que vai se harmonizar com as idéias de Massey, anteriormente expostas, é que cada lugar merece seu estudo específico, já que sempre terá alguma singularidade, alguma feição particular. A análise da evolução econômica do município ararense mostrou que “rodadas” sucessivas de investimentos aconteceram na agricultura e na agroindústria, assim como já havia sido demonstrado para outros municípios próximos, como Piracicaba (SELINGARDI-SAMPAIO, 1973) e Rio Claro (DINIZ, 1973; DEAN, 1977); entretanto, a sucessão de “rodadas”, a importância das diferentes culturas, as vinculações com a indústria, a quantidade de vestígios herdados, e a combinação atual de elementos remanescentes - de outras etapas de investimentos e de outras estruturas espaciais - com elementos implantados recentemente *não são as mesmas, elas variam segundo os lugares, e daí decorre a singularidade de cada um.*

Hoje, no município ararense, é possível constatar a existência de um conjunto de atividades agrícolas e agroindustriais - as culturas de cana, de café, de mandioca, de laranja, a pecuária, a produção de aguardente, de açúcar e de álcool, de laticínios, de farinha de mandioca - implantadas em outras épocas, há décadas, ou mesmo há mais de um século. Elas constituiriam as “camadas”, ou a distribuição de atividades econômicas resultantes da evolução de novas formas de divisão do trabalho e de demanda dos mercados. Surgidas em épocas sucessivas, ficam “superpostas”, e combinadas entre si, de uma forma que é peculiar a Araras.

A Industrialização Ararense e as Etapas Sucessivas de Investimentos

Como se viu, a amostra estudada foi selecionada segundo a data de instalação dos estabelecimentos industriais; a mais antiga, hoje ainda existente, surgiu em 1895, e isto nos remete aos primórdios da industrialização ararense.

As etapas iniciais: do século XIX à década de 1930.

A análise das informações bibliográficas.

O exame da evolução agrícola do município ararense já deixou evidente que a *instalação de agroindústrias* – ou seja, unidades de beneficiamento e/ou transformação de matérias-primas de origem agrícola e extrativa mineral e vegetal – pode ser considerada a primeira etapa do processo de industrialização local. Constatação “normal”, coerente com o tipo de evolução industrial ocorrido em muitos outros municípios paulistas e brasileiros. Uma interação “natural” entre agricultura e indústria, desde muito cedo reconhecida pelas teorias clássicas de localização industrial: é “lógico” que produtos agropecuários, minerais e vegetais, por problemas de perecibilidade, de transporte a longas distâncias, de grande perda de peso e/ou volume no aproveitamento industrial, etc., sejam beneficiados e/ou transformados em unidades de processamento próximas às áreas agrícolas e de extração.

Feita esta primeira constatação geral, procura-se, a seguir, esclarecer outros aspectos dos primórdios da industrialização de Araras, destacando que esta não é uma tarefa fácil, já que não existem referências bibliográficas específicas sobre o assunto. O que existe são informações e dados dispersos e, neste contexto, são fundamentais as fontes representadas pelos trabalhos de Caldeira (1929) e Matthiesen (1994).

Uma constatação importante a que as fontes citadas nos levam é que os imigrantes estrangeiros desempenharam papel central na instalação das primeiras indústrias ararenses.

A informação mais antiga remonta a 1893, ano da fundação do “Pastificio Venâncio Padula”, pelo imigrante italiano de igual nome. Em 1895, o suíço Frederico Rüegger ampliou as atividades de uma pequena caldeiraria com oficina mecânica e a fundição de ferro e bronze, e fundou a Metalúrgica Rüegger. No ano de 1902, Frederico Fachini fundou o “Engenho Brasil”, integrado por serraria e engenho de arroz, ocupando uma área total de 4.800 metros quadrados. Em 1909, Victorio Mazon instalou as “Oficinas Mazon”, nas quais 16 operários fabricavam os mais diversos produtos, entre eles o moinho de fubá. As oficinas “Irmãos Faggion” surgiram em 1914, com seções de ferraria e carpintaria, fabricando veículos como trolleys e carroças. Em 1919, Orazio Maselli instalou o “Grande Pastificio Maselli”, que contava com maquinários nacionais e italianos para a produção de massas. Em 1924, os Irmãos Fachini ampliaram suas atividades, instalando a Serraria Fachini, em uma área de 24.200 metros quadrados, e equipada com modernas máquinas. Em 1925, a firma J. Ribeiro & Campos fundava a fábrica de farinha de milho “São João”, a qual possuía máquinas acionadas à eletricidade para a produção de farinha de milho, farinha de mandioca e produtos congêneres. Embora sem referência quanto à sua data de instalação, também é registrada a existência da “Fecularia Lusitana”, cuja produção, em grande escala, estava voltada para todos os artigos que traziam a mandioca como matéria-prima.

Também são citadas, embora sem as respectivas datas de instalação, a fábrica de oca do Cel. André Ulson Júnior, a Cerâmica Michielin & Cia. Ltda, várias indústrias têxteis, a Marmoraria Carrara, a Selaria e Colchoaria Buzolin, e cerca de 50 outras unidades de beneficiamento de mandioca.

É possível definir um quadro mais preciso da atividade industrial instalada em Araras em 1929, organizando informações fornecidas por Caldeira (1929), agrupadas no Quadro 1.

Quadro 1 - Estabelecimentos Industriais/Artesanais Existentes no Município de Araras em 1929

Estabelecimentos	Quant.	Estabelecimentos	Quant.
Fábricas de aguardente	06	Fábrica de oca	01
Fábrica de cerveja	04	Fábrica de sandálias	01
Fábrica de farinha de mandioca	85	Curtume	01
Fábrica de jacás	02	Confeitarias	14
Carpintarias e marcenarias	12	Funileiros	05
Máquinas de arroz	02	Olarias	11
Serrarias	03	Sorveterias	03
Oficinas de seleiro	04	Torrefação de café	03
Tipografias	03	Fábrica de leite condensado	01
Fábrica de veículos	03	Fábrica de cordas	01
Fábrica de pó de arroz	01	Oficinas de ferreiro	05
Fábrica de fogos	01	Fundição de ferro	01
Fábrica de gelo	02	Marmoraria	01
Fábrica de macarrão	03	Moinhos de fubá	11
Fecularia	02	Fábrica de mosaico	01
TOTAL = 193			

Fonte dos dados: CALDEIRA, J.N. "As Nossas Riquezas". Araras, 1929:165-168.

Org.: Wanda Inês Maria Zambarda

Destaque-se, inicialmente, que o total de estabelecimentos existentes é até expressivo para uma aglomeração populacional de cerca de 25.000. Cabe lembrar, entretanto, que muitas das unidades consideradas “fábricas”, em 1929, muito provavelmente não o seriam, hoje: constituiriam pequenas empresas, baseadas no trabalho familiar, funcionando às vezes em barracões anexos às residências ou em fundos de quintais; pequenas oficinas, onde o trabalho artesanal se articulava, em diferentes proporções, ao das máquinas.

A análise dos dados permite ainda que seja inferida a estrutura produtiva então existente. A grande maioria dos estabelecimentos (cerca de 125, ou 64,76% do total) enquadra-se na categoria beneficiamento e/ou transformação de matérias-primas de origem agrícola, pecuária e extrativa mineral e vegetal (beneficiamento de café, fábricas de farinha de mandioca, fábricas de aguardente, serrarias, olarias, fábrica de leite condensado, etc.), deixando evidente, mais uma vez, que até 1929, pelo menos, o surgimento de estabelecimentos industriais era, em sua maior parte, induzido pela existência de matérias-primas oriundas, principalmente, das atividades agrícolas instaladas em etapas anteriores da evolução econômica local.

Outra categoria, menos representativa quanto ao número de unidades existentes, é aquela responsável pela elaboração de bens de consumo direto da população: fábricas de sandálias, de cerveja, confeitarias, padarias e sorveterias, tipografias, fábricas de macarrão, gelo, etc., o que é logicamente explicado pela existência de um mercado interno – ou seja, a população local e das proximidades – em expansão, desde fins do século passado até 1920, como já se viu na parte 3.

Um terceiro segmento digno de destaque na estrutura industrial é aquele representado pela produção metalo-mecânica (fundição de ferro, ferrarias e funilarias, fábricas de veículos) que, apesar da pequena expressão numérica (13 unidades), deve ter sido importante por incluir três fábricas de veículos (supõe-se que, entre elas, estejam as oficinas “Irmãos Faggion” e a “Metalúrgica Rüeigger”, anteriormente mencionadas).

Com base nas informações bibliográficas existentes sobre as etapas iniciais da industrialização ararense, há que se destacar ainda o papel primordial das iniciativas empresariais locais – até mesmo regionais –, representadas tanto por fazendeiros e outros investidores já radicados nestas áreas, quanto por imigrantes europeus e seus descendentes (conforme destacado anteriormente), possuidores e herdeiros de conhecimentos técnicos sobre os processos produtivos industriais/artesanais, trazidos dos países de origem. Neste particular, Araras não foge ao quadro comum da industrialização das regiões Sudeste e Sul do Brasil, como também de outros municípios da região industrial da Anhangüera (DAVIDOVICH, 1969; SELINGARDI-SAMPAIO, 1973; 1987).

A análise dos resultados da pesquisa de campo

Como já foi visto anteriormente, a indústria mais antiga entre todas as existentes na atualidade data de 1895. Ela pertence ao ramo couro, peles e similares, segundo classificação do IBGE, e é a “Graziano & Cia. LTDA”.

Este estabelecimento surgiu com o nome de “Curtume Ararense”, fundado por José Antônio Mazagão, e foi adquirido, em 1915, por Domingos Graziano. Certamente, é este o cortume que aparece na relação feita por Caldeira (1929), adaptada no Quadro 1.

Mais uma vez, é a transformação industrial de uma matéria-prima proveniente de uma atividade agropecuária (no caso, o couro), que caracteriza um empreendimento industrial.

Por outro lado, descobre-se – de acordo com os objetivos do trabalho – um elemento antigo, herdado de uma etapa até remota do processo de desenvolvimento ararense, inserido no atual conjunto industrial, “combinado” com outros elementos ou indústrias, implantadas posteriormente, sob outras condições econômicas e espaciais.

A citada indústria constitui uma herança, ainda viva, de uma relação indústria-pecuária estabelecida em fins do século XIX. Embora não tenha tido a mesma expressão econômica que outras atividades primárias, já citadas na parte 3, a pecuária instalou-se em Araras durante crises das principais culturas agrícolas, quando os fazendeiros procuravam por uma alternativa de obtenção de lucros. Diniz (1968, p.45-48; 53-54), assim se expressou a respeito:

Muitos fazendeiros tentaram substituir parcialmente sua atividade, retirando do café quase toda a importância atingida. Muitos se inclinaram para a criação de gado, aliás, já considerável. Houve, inclusive, tentativa para a produção de laticínios e frios em grande escala. A Fazenda Santo Antônio, por exemplo, possuiu fábrica de manteiga e queijo, além de salsicharia instalada por volta de 1909, e fechada em 1914”[...] “Com a decadência do café parece ter se fortalecido a criação de gado, já iniciada nas grandes fazendas. O rebanho de Araras era formado por 16.080 cabeças de gado bovino e de 19.582 suínos. Predominaram (sic) nas fazendas, o gado Caracu, havendo também holandêses e zebu”[...]“A criação de gado, entretanto, em aparência intimamente ligada à economia cafeeira, sofreu diminuição, após a crise do café, e, em 1938, existiam apenas 9.401 bovinos no município, com redução de 41,5% sobre o total de 1920.

Outra dedução, que pode ser extraída do texto de Diniz, é que a pecuária instalada em solo ararense também tenha provocado o aparecimento – embora com curta duração – de unidades processadoras de derivados de leite e de carne nas próprias fazendas.

A grande expressão industrial da atividade pecuária em Araras, entretanto, é a fábrica da Nestlé, datada de 1921, a primeira fábrica desta multinacional suíça a ser instalada na América do Sul. Este fato poderia levar à dedução que a pecuária seria mais

uma etapa marcante de investimentos, porém não é bem isso o que se depreende das palavras de Diniz (1968, p.163-164): “A presença em Araras de uma Usina da Companhia Industrial e Comercial Brasileira de Produtos Alimentares (Nestlé) pode ser, à primeira vista, estímulo ponderável para a expansão da criação de gado leiteiro. Entretanto... a criação de gado no município é pouco expressiva e, muitas vezes, atividade secundária. Realmente, a produção de leite é insuficiente para o funcionamento apenas da Nestlé, que é forçada a importar grandes quantidades do produto de outros municípios... É possível que essa inadequação da produção e do consumo de leite se explique por razões ligadas à própria fundação da Nestlé. Quando esta indústria foi criada... como usina piloto na América do Sul, aproveitou a infraestruturura criada por um pequeno laticínio que existia em Araras. Com o desenvolvimento da indústria as necessidades de matéria prima foram aumentando e o município não se preparou para isso”...

O provável é que a instalação de uma unidade de processamento da Nestlé em Araras tenha sido direcionada não apenas para o aproveitamento do leite local, mas sim para a captação de uma rede regional de fornecimento. Só esta “bacia de captação leiteira” pode explicar a expansão da Nestlé em Araras, haja vista que “...todos os municípios próximos e com produção de leite fornecem o produto a Araras, através dos postos de recepção de Itirapina, Torrinha, Corumbataí, São Pedro, Santa Cruz das Palmeiras, Rio Claro, Mogi-Mirim, Tapiratiba e Nova Odessa.”(DINIZ, 1968, p.165)

Hoje, a fábrica instalada em 1921, no bairro de Belvedere (zona central da cidade), ocupa um total de 1.400 pessoas, sendo o segundo maior estabelecimento industrial do município, depois da Usina São João. Seus produtos não são mais derivados exclusivamente do leite, já que incluem o achocolatado Nescau e o café solúvel Nescafé, além de uma unidade produtora de suas próprias embalagens metálicas.

Em 1982, talvez pela impossibilidade de ampliação da fábrica já existente, ou pela necessidade de equipamentos diversos, a Nestlé instalou outra unidade produtiva em Araras, reafirmando a viabilidade econômica desta escolha locacional. Destinada à fabricação de produtos refrigerados (como iogurte e sobremesas lácteas), situa-se no bairro Facão, e empregava 346 pessoas, em 1997. Com isto, Araras é o único município do Brasil a possuir duas unidades industriais da multinacional Nestlé.

A instalação de uma filial da citada multinacional no município ararense, em 1921, constituiu, segundo as informações disponíveis, o primeiro investimento estrangeiro ali ocorrido. A existência de instalações adequadas e a localização em uma área de produção leiteira devem explicar a escolha de Araras para tal implantação que, saliente-se, não ocorre de forma isolada, mas sim se integra a uma fase de dispersão de filiais de empresas norte-americanas e européias na América Latina e no Brasil, após a 1ª Guerra Mundial, especialmente ao longo dos anos 20.

De qualquer forma, é mais um vínculo, uma relação que se estabelece entre a economia local e alguns agentes externos, de alcance mundial.

A “rodada” de investimentos dos anos 40.

Até esta data, a industrialização ararense caracterizou-se como predominantemente dependente de forças e agentes locais e regionais. Como em outros municípios do interior, a distância da capital funcionava, nesta época, como um fator de estímulo à atividade industrial: quanto mais afastado da capital o lugar, mais a atividade industrial era direcionada para atender às exigências da demanda local, voltando-se para a produção de calçados, bebidas, perfumaria, etc. Assim, a população do interior tornava-se relativamente auto-suficiente no que concerne aos produtos industriais de primeira necessidade. Ao longo dos anos 40, entretanto, este quadro geral sofreria algumas transformações significativas.

Um fato novo, e muito importante para a economia local, foi a implantação de grandes e modernas usinas de açúcar e álcool, como já se relatou na parte 3. Nos anos 40, surgiram quatro estabelecimentos existentes até hoje, e dois deles eram usinas:

- A usina São João, surgida em 1944, hoje o maior estabelecimento do município (6.000 funcionários na safra de 1999). Na realidade, a Companhia Industrial e Agrícola São João foi criada em Araras, já em 1935, pela família Ometto, oriunda de Piracicaba. Inicialmente, foi instalada uma destilaria de álcool, surgindo depois a usina de açúcar.
- A usina Santa Lúcia, fundada em 1947, por outro membro da família Ometto, de Piracicaba. De dimensão menor que a usina São João, ocupava, em 1999, 215 funcionários.

Também em 1947, surgiu a usina Palmeiras, que pertencia à Cooperativa de Produtores de Cana, depois transformada em “Sociedade Anônima Companhia Açucareira Ararense”. Em 1991, foi ela incorporada à usina São João, e desativada.

Certamente a implantação das usinas veio articulada à revitalização e à expansão da cultura canavieira, em nível local, ocorridas a partir de 1940, e inseridas, por sua vez, no contexto estadual de grande crescimento da produção sucroalcooleira. Mas, uma vez instaladas, as usinas, pela sua própria existência e demanda, também contribuíram para a expansão da lavoura canavieira e para a caracterização da atual estrutura espacial ararense, transformando sua área rural (ou a “paisagem” rural) em um “mar de cana”.

Com as usinas, definem-se fluxos locais/globais. Se antes a pequena produção dos engenhos era insuficiente para viabilizar a exportação em grande escala, agora, com a produção massificada das grandes usinas, as relações comerciais com o mundo são intensificadas e ampliadas. Assim, a produção sucroalcooleira realizada no “lugar” Araras vincula-se a agentes externos, mundiais, e deles recebe estímulos positivos e negativos.

Outra indústria surgida nos anos 40 é a Têxtil Assumpção S/A, produtora de tecidos de algodão. Como surgiu em 1941, parece lícito supor que ela tenha surgido em

decorrência da grande expansão que a cultura algodoeira teve em solos ararenses, durante os anos 30, conforme atestou Diniz (1968), citado na parte 3.

Sobre o gênero têxtil, algumas evidências puderam ser constatadas através da pesquisa desenvolvida. Embora apenas dois estabelecimentos constassem da amostra, na realidade, pelo Cadastro Industrial da Prefeitura, de 1997, podia-se verificar a existência de mais treze indústrias têxteis em Araras. A pesquisa prévia, entretanto, mostrou que duas grandes unidades têxteis, uma com 125 e outra com 135 empregados, haviam falido entre 1996 e 1997, o que nos lança à suposição que o setor têxtil ararense – assim como o de Americana, SP (MENDES, 1997), e os de outras áreas produtoras no Brasil – encontrava-se em decadência. Mais uma vez, pode-se argumentar que aqui se estabelece a relação local/global, só que com caráter negativo, predatório: com a economia globalizada, e a abertura de mercados, produtos têxteis asiáticos foram colocados no mercado nacional a preços muito inferiores aos aqui produzidos, gerando crise de produção e conseqüente extinção de fábricas.

O exemplo da indústria pesquisada, Têxtil Assumpção, também veio contribuir para a argumentação acima feita: instalada em um prédio de grandes dimensões, preparado certamente para abrigar mais de 100 empregados, ocupava, em 1997, 51 pessoas e, em 1998, seu quadro estava reduzido a 18 funcionários.

A quarta e última indústria implantada nos anos 40, até hoje existente, é a Torque S/A, a maior surgida de capitais locais. Nasceu pequena, em 1943, baseada no trabalho de três membros da família Michielin, e fabricava motores elétricos para outras indústrias locais, como engenhos de cana, moinhos de milho e máquinas de beneficiar café. Foi, gradativamente, diversificando sua produção, ampliando seus mercados, e especializando-se na produção de bens de capital sob encomenda. Produz hoje materiais de transporte pesado e equipamentos industriais, para os setores siderúrgico, portuário, automobilístico, hidrelétrico, de mineração e construção civil, e outras indústrias, em geral. Com a expansão da produção, transferiu sua sede para São Paulo, e instalou duas novas unidades produtivas, uma no vizinho município de Rio Claro (1993) - beneficiando-se de certos incentivos oferecidos nos anos 80 –, e outra em Pederneiras, na região central do Estado de São Paulo.

Em 1997, sua fábrica em Araras empregava 1205 funcionários, e exportava para os EUA e países da América do Sul (Paraguai, Venezuela e Chile).

Como se percebe, a “rodada” de investimentos industriais ocorrida nos anos 40 apresenta feições significativas e diversas.

De um lado, incentiva e expande o setor agroindustrial, - já tradicionalmente estabelecido localmente – com a instalação de indústria têxtil de algodão e, muito mais importante, com as inovações introduzidas na produção sucroalcooleira, faz surgir grandes usinas, estabelece a produção em larga escala, e cria fluxos locais/globais.

De outro lado, investimentos mínimos são dirigidos para um setor até então relativamente pouco expressivo, o metal-mecânico e, supostamente bem administra-

dos, articulando-se bem ao crescimento industrial nacional, ocorrido principalmente nos anos 50, 60 e 70, conduzem uma indústria local à posição de uma das maiores do país, no ramo material de transporte.

A etapa de investimentos dos anos 50 e 60.

Na década de 50, o Brasil é favorecido pelo auspicioso quadro internacional, no que diz respeito ao movimento de capitais e ao comércio de mercadorias. O Estado envolve-se diretamente no processo de industrialização e na criação das infra-estruturas necessárias. Há grande expansão das indústrias “motrizes”, sendo muitas delas oriundas de investimentos de capital estrangeiro. Com isto, intensificou-se a instalação industrial em algumas áreas do Sudeste do país, mais especificamente no Estado de São Paulo, o qual se torna uma área de grande concentração industrial.

Como um município do interior paulista já dotado de certas condições básicas de desenvolvimento, bem localizado em relação às áreas mais prósperas do Estado, e com uma certa acumulação de capitais, gerados pelas atividades agrícolas e agroindustriais, Araras teve condições de se integrar à expansão industrial que ocorria em nível nacional e no estadual. No período de 1950-1960, acelerou-se o crescimento industrial ararense, tanto no que concerne à expansão do número de estabelecimentos industriais, que passou de 90 para 154 (aumento de 71,11%), quanto ao crescimento de pessoal ocupado, que se elevou de 1537 para 2715 (aumento de 76,64%).

Se, neste período de 50-60, o processo de industrialização ararense acompanhava os ritmos de crescimento industrial estadual e nacional, o fazia como uma característica marcante, qual seja, um elevado número de estabelecimentos industriais instalados com capitais locais, já que, das sete indústrias instaladas no município entre 1950/59, existentes até hoje, cinco resultaram de investimentos internos ao município. Representante de capitais regionais (de Piracicaba) é a Cia Metalúrgica e Equipamentos Industriais-CIMEI, indústria inicialmente direcionada à fabricação de equipamentos específicos para usinas de açúcar. A CIMEI possuía dois estabelecimentos, o primeiro na cidade, e o segundo em um distrito industrial. Porém, com a decadência do setor sucroalcooleiro, um dos estabelecimentos encerrou suas atividades, e a indústria, para sobreviver, direcionou suas atividades também para a produção de papéis.

A característica inovadora desta “rodada” de investimentos, entretanto, é dada pela introdução de capitais externos. É de capital nacional, procedente da metrópole paulistana, a Macisa Comércio e Indústria S/A, indústria metalúrgica fabricante de difusores de ar, consoles, etc., atualmente com 290 empregados. Inicia-se, aqui, a inserção de Araras no processo de desconcentração industrial que se definia, a partir da metrópole de São Paulo, inserção que já traz manifesta sua principal característica, qual seja, as indústrias de capital exógeno que se instalam são poucas, em número, mas

muito importantes em relação aos empregos gerados; como exemplo, registre-se que as seis indústrias de capitais locais/regionais surgidas no período em questão ocupam, atualmente, 237 pessoas.

Entre estas últimas, merece destaque a unidade fabril da empresa Zurita e Cia, possuidora ainda de outros estabelecimentos industriais, comerciais e de serviços no município. Esta empresa familiar já desfrutou de grande pujança financeira em Araras, mas foi gradativamente perdendo posição relativa, em face dos novos empreendimentos surgidos nos anos 70 e 80. Mesmo assim, ainda possuía, em 1997, segundo o Cadastro Industrial da Prefeitura, dois estabelecimentos, o que surgiu em 1957, que fabrica produtos farmacêuticos, cosméticos e alimentícios, e outro, de 1987, voltado para a industrialização de alimentos.

Em seu conjunto, as indústrias surgidas no período 1950-1960 são responsáveis por 527 dos empregos industriais atualmente existentes.

Outra característica marcante do período citado é a acentuada expansão do gênero metalúrgica que, com três novas unidades, representa 42,85% do total de estabelecimentos surgidos (7) e, principalmente, 83,11% (ou 438) do total de empregos criados.

Já na década de 60 a 70, o ritmo da industrialização arrefece, mas ainda é bastante significativo, passando-se de 154 unidades produtivas para 218 (expansão de 41,45%). A expansão no número de mão-de-obra ocupada é mais expressiva ainda, aumentando de 2715 empregados para 4606 (69,65%).

Outras características da década anterior são mantidas. O gênero metalúrgica continua em expansão: dos nove estabelecimentos surgidos no período, três são do citado ramo. Pelo número de empregados que têm, na atualidade, pode-se supor que surgiram com dimensões reduzidas, ao contrário das implantações ocorridas na década de 50. Também investimentos locais responsabilizaram-se pela maioria das novas indústrias surgidas, enquanto capitais oriundos da metrópole paulistana eram representados por dois estabelecimentos, um pertencente ao gênero *mobiliário*, atualmente com 96 pessoas ocupadas, e outro ao ramo *têxtil*, hoje reduzido a cinco empregados.

Destaque-se ainda, nos anos 60, o surgimento do gênero papel e papelão, representado por dois estabelecimentos, atualmente de proporções média e grande. Um deles é a Ipar-Indústria de Papéis Ararense S/A, de capitais locais, com 136 empregados e uma produção expressiva, em parte exportada para a Arábia Saudita e para países do Mercosul.

As “rodadas” de investimentos dos anos 70, 80 e 90

A partir de 1970, ocorreu uma acelerada industrialização em Araras, efeito, em grande parte, do crescimento econômico-industrial então em curso no país, fenômeno

que se tornou conhecido como o “milagre econômico” brasileiro. Ocorreu grande expansão da produção de bens de consumo durável e de capital, e o Brasil completou sua integração ao sistema produtivo industrial capitalista que então se estruturava, em nível global.

No período de 1970 a 1980, o crescimento industrial ararense se acentua no tocante ao número de pessoal ocupado, que passou de 4.606 para 7.690, um aumento de 76,95%. Já a expansão do número de estabelecimentos, entretanto, nesse mesmo período, é bem menor, passando-se de 218 para 240 unidades, o que representa um crescimento relativo de 10,09%, muito inferior aos 41,45 da década anterior, e sugere a ocorrência de concentração técnica da produção.

Das nove indústrias que surgem, seis pertencem ao ramo metalúrgica, o que vem reforçar a grande importância que este gênero foi gradativamente assumindo, após 1940. Os outros gêneros representados são *meccânica, produtos alimentares e papel e papelão*, cada um com um estabelecimento.

Destaque-se também que, entre 1970 e 1975, três dos estabelecimentos do setor metalo-mecânico instalados em Araras são oriundos de capitais externos ao município e à região. São indústrias transferidas da metrópole paulistana (desconcentração industrial), e/ou direcionadas para a instalação no interior, a partir de São Paulo (interiorização da indústria).

São elas: a Kamaq – Máquinas e Implementos Agrícolas Ltda., instalada em 1972, do gênero mecânica, com 45 empregados, fabricando roçadeiras e adubadeiras; a Indústria Metalúrgica Fuganholi Ltda., instalada em 1975, do gênero metalúrgica, com 31 empregados, fabricando estruturas metálicas e prestando serviços terceirizados para outras empresas; e a Laminação de Metais Paulista, instalada em 1975, do gênero metalúrgica, que faz laminação de metais e prestação de serviços sob encomenda, e empregava 81 pessoas, em 1997.

Araras reafirmou, assim, sua integração aos processos econômico-espaciais de desconcentração e interiorização industrial que ocorriam em território paulista, ainda que de forma relativamente fraca, quando comparado com outros municípios da região, como Sumaré ou Rio Claro, por exemplo.

Outra característica da década de 70 é a manutenção da tradição agroindustrial, já que dois estabelecimentos industriais surgidos têm seus produtos relacionados com a agricultura. Um deles é a indústria Kamaq - Máquinas e Implementos Agrícolas Ltda, que fabrica roçadeiras de diversos modelos e adubadeiras; o outro estabelecimento é Cerealista Zorzo Ltda, voltado para o beneficiamento e empacotamento de cereais.

Na década de 1980 a 1990, algumas características tradicionais mantêm-se, e algumas novas se definem.

O ramo metalúrgica continua a se expandir, e consolida sua posição de liderança. Das nove indústrias pesquisadas, três pertencem ao citado gênero: a Orpinelli, instala-

da em 1982, que emprega 27 funcionários e fabrica esquadrias de alumínio; a Laminação de Metais Araras Ltda., instalada em 1986, que produz chapas e discos de alumínio e oferece emprego a 48 pessoas; e a Indústria Metalúrgica Art-Aço Ltda., implantada em 1986, ocupando 33 funcionários e fabricando móveis para escritório e gôndolas para supermercado.

De outro lado, alguns novos ramos começam a se destacar. No gênero mobiliário, surge, em 1980, a Stylo's Móveis – Indústria e Comércio Ltda, com 18 empregados na atualidade, fabricando cadeiras; e, em 1983, instala-se a Indústria e Comércio de Móveis Marcucci Ltda., hoje com 14 funcionários, produzindo camas, armários embutidos, cadeiras, etc. O gênero produtos de materiais plásticos aparece com dois representantes: Rodoplastic – Indústria e Comércio de Plásticos Ltda, instalada em 1987, atualmente com 64 empregados, e produção de embalagens plásticas em geral; e a Gold Plastic Indústria e Comércio de Plásticos Ltda., criada em 1988, com 11 funcionários, na atualidade, também fabricando embalagens plásticas.

As duas indústrias restantes, surgidas na década de 80, são: a Portas Camp Ltda, instalada em 1987, com atuais 27 empregados, voltada à fabricação e automação de portões com controle remoto (gênero material elétrico e de comunicações); e a Maria Helena Chibebe Nicolella & Cia Ltda. (Ana Mahê), que fabrica roupas femininas e se insere, portanto, no gênero vestuário, calçados e artefatos de tecidos.

Também se manteve, nos anos 80, a predominância dos investimentos de origem local. A amostra analisada revelou que eles se responsabilizaram por oito novos estabelecimentos, de dimensões médias, que juntos empregavam, em 1997, 247 pessoas, enquanto apenas uma nova indústria foi implantada por capitais oriundos de São Paulo (é a indústria de confecções acima citada, que ocupava, em 1997, 54 funcionários).

Como não há dados do Censo Industrial para 1990, a análise fica prejudicada para este ano. A avaliação da implantação industrial nos anos 90, porém, é parcialmente possível através da utilização dos dados da Tabela 1.

De acordo com ela, constata-se que, em 1997, segundo o Cadastro Industrial da Prefeitura Municipal, havia em Araras 501 estabelecimentos, o que significa uma expansão de 108,75% em relação ao número existente em 1980 (240 unidades). Quanto ao número de pessoal ocupado, havia um total de 7.397 em 1997.

Focalizando apenas a amostra selecionada, constatou-se que oito indústrias surgiram no período 1990-1997 (Tabela 2)

O fato inovador é o surgimento da indústria de sucos cítricos, com duas unidades fabris. Uma delas é a micro-empresa José Gilberto Salomé & Irmão Ltda (ME), com oito funcionários, voltada para a industrialização e comércio de suco de laranja, e oriunda de capital local. A outra indústria é a Sucorrico S/A, de grandes dimensões, empregando 250 pessoas. Trata-se de um “pool” de citricultores, cerca de 150 acionistas de

Tabela 1: Gêneros Industriais mais Importantes quanto ao Número de Estabelecimentos e Pessoal Ocupado, segundo o Cadastro Municipal de Araras–1997

Gêneros industriais.	Nº. Estab.	Gêneros industriais.	P. O
Metalúrgica	113	Produtos alimentares	3262
Mobiliário	80	Metalúrgica	1003
Vestuário, calçados e artefatos de tecido	59	Têxtil	718
Produtos alimentares	56	Mecânica	441
Mecânica	33	Transformação de minerais não metálicos	426
Editorial e Gráfica	26	Mobiliário	346
Transformação de minerais não metálicos	24	Papel e papelão	273
Material elétrico e de comunicação	19	Material de transporte	224
Produtos de materiais plásticos	18	Química	158
Química	17	Editorial e Gráfica	143
Têxtil	15	Material elétrico e de comunicação	124
Diversos	10	Vestuário, calçados e artefatos de tecido	115
Papel e papelão	9	Produtos de materiais plásticos	74
Madeira	9	Couro, peles e similares	52
Perfumaria, sabões e velas	8	Madeira	18
Couro, peles e similares	3	Diversos	12
Material de transporte	2	Perfumaria, sabões e velas	8
TOTAL	501	TOTAL	7397

Fonte: Cadastro Industrial da Prefeitura de Araras – 1997.

Org.: Wanda Inês Maria Zambarda.

Araras e região, em busca de melhor retorno aos investimentos feitos na produção de laranja. O mercado internacional (Europa e EUA) se responsabiliza por 90% do consumo dos produtos da Sucorrico.

Merecem destaque essas indústrias porque se vinculam, historicamente, a uma “rodada” de investimentos ocorrida, inicialmente, na década de 30, quando o município investiu fortemente na citricultura. Quase 70 anos depois, a produção de laranja se mostra expandida e fortalecida, não apenas em Araras, mas em nível regional, incluindo, principalmente, Limeira. Assim, ao contrário de outras culturas, a da laranja demorou muito para gerar agroindústrias, em nível local (não temos informações sobre indústrias

**Tabela 2: Indústrias Integrantes da Amostra, Década de 1990,
Quanto ao Ano de Instalação, Pessoal Ocupado e
Origem dos Investimentos**

Ano de Instalação	Gênero Industrial	Nº de Empregados	Origem dos Investimentos
1990	Metalúrgica	7	Local
1990	Metalúrgica	25	Local
1990	Produtos alimentares	8	Local
1992	Química	12	Local
1992	Produtos de materiais plásticos	23	Local
1993	Transformação de minerais não-metálicos	2	Local
1995	Vestuário, calçados e artefatos de tecido	11	Local
1996	Produtos alimentares	250	Local/Regional

Fonte: Pesquisa de campo.

Org.: Wanda Inês Maria Zambarda

de sucos cítricos instaladas no município de Araras, antes de 1990). Aquelas surgidas recentemente seriam, segundo a interpretação teórica aqui adotada, representantes de uma atividade econômica nova, resultante de uma “rodada” recente de investimentos, funcionalmente e espacialmente “combinada” com outra produção econômica (no caso, a citricultura), já tradicionalmente instalada.

Destaca-se aqui, mais uma vez, a relação local /global que uma agroindústria estabelece, a partir de Araras, quando destina a quase totalidade de sua produção para o mercado mundial.

Os demais estabelecimentos, surgidos entre 1990 e 1997, empregam, cada um, de 7 a 25 pessoas, e pertencem ao gênero metalúrgica (dois); ao química (um); ao produtos de materiais plásticos (um); ao transformação de minerais não-metálicos (um); e ao vestuário, calçados e artefatos de tecidos (um). A exceção a esse quadro é constituída pela grande unidade produtiva da Polti do Brasil, multinacional italiana, fabricante do aparelho eletrodoméstico Vaporetto, que se instalou em Araras, em 1996.

As Respostas Encontradas para as Questões Propostas

Nesta última parte, procura-se, como forma de conclusão do trabalho, ordenar e interpretar todas as “descobertas” feitas, ao longo da investigação desenvolvida, como respostas obtidas às questões enunciadas na proposição.

As etapas sucessivas de investimentos

A análise da evolução agroindustrial e industrial do município de Araras mostrou, enfaticamente, a sucessão temporal de diferentes “rodadas”, ou etapas, de investimentos.

Na esfera agrícola e agroindustrial, a cultura da cana-de-açúcar, ainda sem características de grande lavoura comercial, cedeu, em meados do século XIX, a primazia econômica à cafeicultura que, após um domínio de aproximadamente 60 anos, decaiu, cedendo espaço, progressivamente, ao “trio alternativo ararense” (mandioca, algodão e laranja) - o qual dominou na década de 1930 - e ainda à pecuária, até a revitalização, nos anos 40, da cultura da cana, cuja supremacia se estende até hoje.

Todas estas atividades agrícolas, mais cedo (café e cana) ou mais tarde (laranja), acabaram induzindo o aparecimento de atividades industriais correlatas, e assim definiu-se uma primeira etapa de industrialização, caracterizada como agroindustrial.

Esta etapa nunca se extinguiu, mantém-se até hoje. A partir dos anos 40, entretanto, e principalmente depois de 1950, indústrias com características diversas começam a surgir e a se expandir. Voltadas para a produção de bens de consumo não durável e durável, distribuem-se por vários gêneros, têxtil, química, mobiliário, papel e papelão e, principalmente, metalurgia e mecânica. Assim, outra fase de industrialização se define, aquela caracterizada por uma produção diversificada, embora ainda com o predomínio das indústrias metalúrgicas e das alimentícias (gênero onde, sem dúvida, ficou “embutida” a maioria das agroindústrias, como as usinas).

As duas fases identificadas, na realidade, aparecem “combinadas” na estrutura econômico-espacial hoje vigente. Assim, junto com as oito indústrias remanescentes dos anos 50, as 37 geradas na década de 60, as 73 surgidas nos anos 70, as 147 implantadas de 1980 a 1989, e as 204 instaladas no período 1990-1997, coexistem outras seis, como heranças, vestígios de “rodadas” anteriores de investimentos. Algumas delas apresentam dimensões médias, como a Graziano e Cia Ltda (couro, peles e similares), a mais antiga de todas, a Têxtil Assumpção e a usina Santa Lúcia; outras ocupam a posição de maiores estabelecimentos industriais do município, como a Usina São João e a unidade da Nestlé (ambas pertencentes ao gênero produtos alimentares), e ainda a Torque (material de transporte).

A estrutura econômico-espacial hoje vigente, resultante da “combinação” de indústrias remanescentes de etapas anteriores a 1950 e de outras implantadas posteriormente, pode assim ser comparada a um grande “mosaico” que incluiria, ainda, todas as atividades agrícolas e pecuárias existentes, por sua vez também herdadas de épocas passadas (algumas revitalizadas recentemente), além dos setores terciário e quaternário da economia (não abrangidos pela pesquisa).

O “mosaico” econômico-espacial assim formado confere ao “lugar” Araras sua singularidade, não no sentido de que apenas este município o possua, mas na acepção de que o “mosaico” ali identificado, com suas distintas “partes” justapostas, tem delas uma “combinação” que é tipicamente ararense.

A estrutura produtiva da indústria

Tanto os dados existentes sobre o conjunto total da indústria em Araras, quanto aqueles revelados pela amostra analisada, mostram, em primeiro lugar quanto ao número de estabelecimentos, a indústria metalúrgica e, na primeira posição quanto ao número de pessoal ocupado, o gênero produtos alimentares.

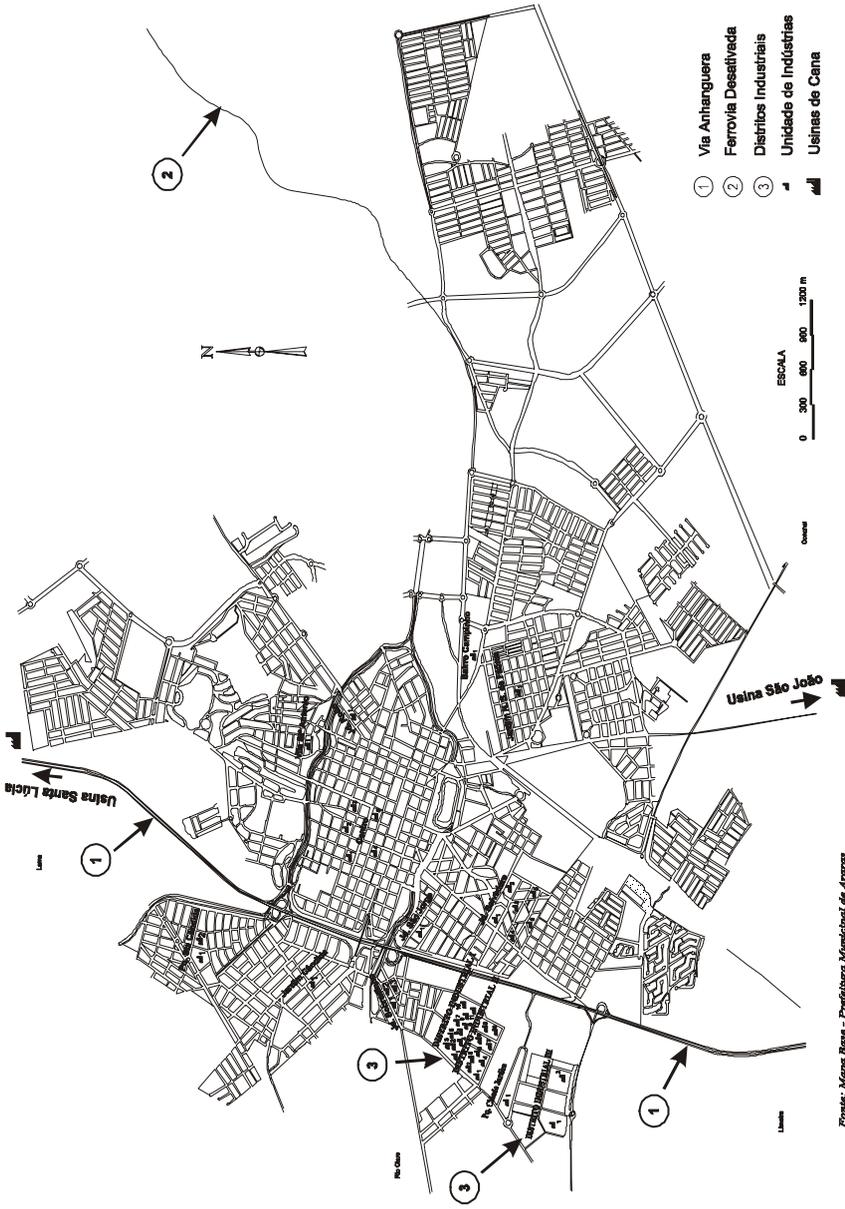
Outros ramos importantes, embora com posições variadas no “ranking” dos gêneros mais significativos, são a indústria de material de transporte, a de mobiliário, a mecânica e a de papel e papelão.

Esta é uma estrutura mista, em vários sentidos, já que inclui tanto gêneros “motrizes” quanto “tradicionais”, tanto produção de bens de consumo não-duráveis quanto bens de capital, tanto gêneros herdados da fase mais antiga da industrialização quanto aqueles implantados em épocas mais recentes.

As implicações espaciais

Como é óbvio, todas as etapas econômicas examinadas, tanto agroindustriais quanto industriais, estiveram associadas a formas específicas de incidência espacial, no campo e na cidade. Na área rural, a sucessão de culturas foi, gradativamente, ocupando os espaços férteis, organizando a estrutura fundiária e modificando a paisagem, à medida que uma cultura cedia a primazia à outra, até chegar-se ao atual “mar de cana”. No espaço urbano, as indústrias foram se distribuindo pelas áreas centrais (as mais antigas), por alguns bairros industriais (Jardim Belvedere, Jardim Sobradinho) e, principalmente, junto a espaços planejados, especialmente preparados para a implantação industrial (Figura 2).

Figura 2 - Localização de Estabelecimentos Industriais no Município de Araras - SP - 1997



Atualmente existem, no município de Araras, os Distritos Industriais I, II, III e IV, estando este último em fase de implantação. Essas áreas, subsidiadas pelo poder local, são dotadas de boa infra-estrutura – água, energia elétrica e esgoto – e de fácil acesso à Rodovia Anhangüera. Também se encontram em ambiente agradável e ameno, em meio a muitas árvores e gramíneas.

Os Distritos Industriais têm áreas destinadas a empresas de todos os portes e a Prefeitura Municipal, através do PRODEIA - Programa de Desenvolvimento Industrial de Araras, desenvolve políticas de incentivo, como isenção de taxas, e parcerias para formação de mão-de-obra especializada.

As raízes locais/regionais da industrialização ararense e as relações locais/globais

A investigação realizada e os dados e informações obtidas permitem concluir que o processo de implantação industrial em Araras, tanto nos seus primórdios quanto na sua fase mais recente, contou com expressiva atuação de agentes locais e regionais (empresários industriais, investidores em geral e, com menor expressão, o poder local). Ressalte-se, entretanto, como já foi afirmado anteriormente, que muitos dos estímulos à produção, principalmente à das agroindústrias, foram e são externos, advindos da demanda do mercado mundial.

De outro lado, os investimentos de origem externa (capitais nacionais e internacionais) detêm uma participação significativa no citado processo, muito mais pelo grande porte dos poucos estabelecimentos implantados, do que pelo seu número (Tabela 3).

Mesmo assim, não se pode afirmar que foi o capital oriundo de outras áreas brasileiras e/ou de outros países que se responsabilizou pelo surto industrial dos anos 70, 80 e 90. Ele participou, sem dúvida, de forma expressiva, mas não comandou o processo, como em outros municípios da região: em Sumaré (MENDES e SELINGARDI-SAMPAIO, 1992), o processo de industrialização foi intensamente acelerado com a implantação de 32 grandes estabelecimentos controlados por empresas multinacionais e nacionais (oriundas de São Paulo); em Rio Claro (SELINGARDI-SAMPAIO, 1987), o mesmo aconteceu com menor número de indústrias (19).

Assim, pode-se concluir que a atuação ou participação de Araras no “campo aglomerativo” concebido por AZZONI (1985) efetivamente ocorreu, mas com menor intensidade que em outros lugares. A “onda industrializante” espreada, a partir de São Paulo, no sentido do interior, não chegou a Araras com a mesma intensidade que em outros municípios da Região da Anhangüera (como Campinas, Jundiaí, Sumaré, Americana, por exemplo,) e, muito provavelmente, a distância maior é uma causa significativa.

Através da pesquisa empírica, também se constatou que as indústrias instaladas por capital externo foram atraídas ao município ararense por diversos fatores relaci-

Tabela 3 - Indústrias Localizadas em Araras, Oriundas de Investimentos Externos à Região - 1997

Razão Social da Empresa	Gênero Industrial	Data de instalação	Pessoal Ocupado	Origem dos investimentos
Nestlé Industrial e Comercial Ltda	Produtos alimentares	1921	1.400	Internacional
Macisa Comércio e Indústria S/A	Metalúrgica	1959	290	Nacional (Metrópole paulistana)
Indústria e Comércio de Malhas Cidvela Ltda	Têxtil	1960	5	Nacional (Metrópole paulistana)
Movelac Indústria Comércio Móveis Ltda	Mobiliário	1966	96	Nacional (Metrópole paulistana)
Kamaq-Máquinas e Implementos Agríc. Ltda	Mecânica	1972	45	Nacional (Metrópole paulistana)
Indústria Metalúrgica Fuganholi Ltda	Metalúrgica	1975	31	Nacional (Metrópole paulistana)
Laminação de Metais Paulista Ltda	Metalúrgica	1975	81	Nacional (Metrópole paulistana)
Maria Helena Chibebe Nicolella & Cia Ltda (Ana Mahê)	Vestuário, calçados e artefatos de tecido	1983	54	Nacional (Brodósqui - SP)
Polti do Brasil	Material elétrico e de comunicação	1996	-	Internacional

Fonte: Cadastro Industrial da Prefeitura de Araras – 1997.

Org.: Wanda Inês Maria Zambarda.

onados à boa posição geográfica, à excelente infra-estrutura, e às políticas de atração industrial implementadas pelo poder local, tais como isenção de tributos, facilidade para aquisição de terrenos, ou até mesmo sua doação, etc.

Concluindo, poder-se-ia afirmar que a industrialização recente de Araras, de 1970 ao presente, derivou, na realidade, da ação conjunta de agentes locais/ regionais (empresários, poder municipal) e externos (investidores nacionais e estrangeiros), embora os primeiros tenham sido muito mais pujantes na instalação de novos empreendimentos industriais.

A riqueza gerada localmente pela economia agrícola e pela urbana teria sido, pois, direcionada para a atividade industrial, a qual, articulada à própria expansão industrial brasileira e paulista, e alimentando-se das forças aglomerativas intrínsecas, atinou seus próprios mecanismos de reprodução.

As relações locais/globais foram, e são estabelecidas, menos sob a forma de capitais produtivos multinacionais investidos em Araras, e muito mais pelas relações comerciais estabelecidas entre a agricultura, a agroindústria, e as indústrias locais e os mercados mundiais. A demanda destes, e as conseqüentes exportações, constituíram, e constituem, poderoso estímulo externo às atividades econômicas ararenses.

Como se assumiu na proposição, estudar um processo local de industrialização não implica apenas em procurar desvendar aspectos locais, ou endógenos, circunscritos à própria área. Isto foi feito, obviamente, e descobriu-se que Araras e sua região imediata se revelam possuidoras de forças internas pujantes, capazes de instalar sucessivas “rodadas de investimentos”, tanto no circuito econômico rural quanto no urbano. A vitalidade da economia, entretanto, intensificada pelas forças aglomerativas decorrentes, mostrou-se ainda potente para fazê-la interagir com agentes e forças externas, integrando o “lugar” a estruturas econômico-espaciais mais amplas, que se estendem da escala nacional à global. Assim estabeleceram-se, ao longo do tempo, as relações lugar-mundo, tão enfatizadas hoje por geógrafos e outros cientistas sociais.

REFERÊNCIAS

- AZZONI, C. R. **Indústria e Reversão da Polarização no Brasil**. Tese (Livre-Docência) - Faculdade de Economia Administração, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1985.
- BAUMANN, J. (Org.) **O Brasil e a economia global**, Rio de Janeiro: Campus/SOBEET, 1996.
- CALDEIRA, J. N. **As nossas riquezas**. Araras: Ed. Empreza Commercial e de Propaganda Brasil, SP., 1929. v.5.
- DAVIDOVICH, F. Aspectos geográficos de um centro industrial: Jundiá em 1962, **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, v. 28, n.4, p.35-80, 1966.
- DEAN, W. **Rio Claro. um sistema brasileiro de grande lavoura - 1820-1900**, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- DINIZ, J. A. F.- **Organização agrária do município de Araras**, 187p. Tese (Doutorado em Ciências - Geografia Agrária) Faculdade de Filosofia Ciências e Letras. Rio Claro, 1968.
- DINIZ, D. M. F. L. **Rio Claro e o café: desenvolvimento, apogeu e crise (1850-1900)**.
- FERREIRA, E. R. **As Políticas açucareiras e alcooleiras do país e seus reflexos no setor canavieiro de Araras**, Rio Claro, SP: Relatório de Estágio de Especialização em Geografia.

FIRKOWSKI, O. L. C. F. **A Industrialização Recente do Município de Limeira em Face do Contexto Industrial Paulista**. Dissertação (Mestrado em Geografia) Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 1989.

FUNDAÇÃO SEADE – **A Interiorização do Desenvolvimento Econômico no Estado de São Paulo: 1920- 1980**. Economia Paulista, São Paulo, v. 1, n. 1, 1988.

HARVEY, D. From space to place and back again: reflections on the condition of postmodernity, **In: BIRD, J., CURTIS, B., PUTNAM, T., ROBERTSON, G., TICKNER, L., (Ed.)- Mapping the Futures: local cultures, global change** London: Routledge, 1995.

JÓIA, P.R.; SELINGARDI-SAMPAIO, S. A Estruturação do Pólo Tecnológico de Campinas: Contribuição ao Estudo dos Espaços Industriais de Alta Tecnologia, *Geografia*, Rio Claro, SP, v. 20, n. 2, p. 5-71, 1995.

LIPIETZ, A.- **The local and the global: regional individuality or Interregionalism?** Transactions Inst. of British Geographers, NS, v. 18, n. 1, p. 8-18, 1993.

MASSEY, D. **Spatial Divisions of Labour: Social Structures and the Geography of Production** London: Macmillan, 1984.

MATTHIESEN, A. J. **Araras, arquivos dos tempos** Araras: Real Gráfica e Editora , 1991.

MATTHIESEN, A. J. **Araras, retratos da história**, Araras:, Real Gráfica e Editora LTDA, 1994.

MENDES, A. A. **restruturações locais como efeitos da globalização econômica: Uma Análise da Estrutura Produtiva Mutante do Pólo Têxtil de Americana, SP, 1947**. Tese (Doutorado em Geografia) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro

MENDES, A. A.; SELINGARDI-SAMPAIO, S.; DAIO, S.- Implantação Industrial em Sumaré: Origens, Agentes e Efeitos. Contribuição ao Estudo da Interiorização da Indústria no Estado de São Paulo, *Geografia*, Rio Claro, SP, 17(1), 39-76, 1992. v. 17, n. 1, p.39-76, 1992.

MÜLLER, G. **O C.A.I. Brasileiro**, São Paulo: E.A.E.S.P., F.G.V., 1981. 1p. (Relatório de Pesquisa nº13).

MÜLLER, G. Padrão Agrário Paulista: Transformações e Tendências, **In: TARTAGLIA, J. C.; OLIVEIRADiveira, O. L. (Org.)-Modernização e desenvolvimento no interior de São Paulo**, São Paulo: Ed. UNESP, 1988. p. 55-62.

NEGRI, B. As Políticas de Descentralização Industrial e o Processo de Interiorização em São Paulo: 1970-1985, **In: TARTAGLIA, J. C.; OLIVEIRA, O. L. (Org.) - Modernização e desenvolvimento no interior de São Paulo**, São Paulo: Ed. UNESP, 1988. p. 11-37.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço: técnica e tempo. razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1997a. 308 p.

_____. **Metamorfoses do Espaço Habitado**. São Paulo: Hucitec, 1997b. 124p.

SELINGARDI-SAMPAIO, S. **Geografia Industrial de Piracicaba**: um Exemplo de Interação Indústria-Agricultura, 253f. Tese (Doutorado em Geografia) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Rio Claro, 1973.

_____. A Industrialização de Rio Claro. Contribuição ao Estudo da Desconcentração Espacial da Indústria no Estado de São Paulo, **Geografia**, Rio Claro, SP, v. 12, n. 24, 1987.

_____. A Evolução Recente do Sistema Industrial Brasileiro: a Ação do Estado e dos Investimentos Externos. **Boletim de Geografia Teorética**, Rio Claro, SP, v. 18, n. 35/36, p. 5-37, 1988.

SINGER, P. A. **A Crise do Milagre**. Interpretação Crítica da Economia Brasileira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

TARTAGLIA, J. C.; OLIVEIRA, O. L. Agricultura e Interiorização do Desenvolvimento em São Paulo. In: TARTAGLIA, J. C., OLIVEIRA, O. L., (Ed.)- **Modernização e Desenvolvimento no Interior de São Paulo**. São Paulo: Ed. UNESP, 1988. p. 63-75.

VELLOSO, J. P. R. (Org.) **O Brasil e a Nova Economia Mundial**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991.

THRIFT, N. Globalisation, regulation, urbanisation: the case of the Netherlands. **Urban Studies**, v. 31, n. 3, p. 365-380, 1994.

Recebido em março de 2001.

Aceito em julho de 2001.